

Meio Mundo



Revista Laboratório do Curso de Jornalismo do Cesnors/UFSM.

Julho de 2009. Ano 1, Nº 1

O som da arte

Irineu Fransisco Frozza
transforma madeira
bruta em arte



Editorial

Meio Mundo.

As mãos de Irineu Francisco Frozza moldam a madeira bruta em formas especiais para produzir música. Com Imbuia faz o corpo, o braço de Mogno e as escalas de Guajuvira. Destas três espécies de árvores, ele esculpe suas violas e violões na periferia de Frederico Westphalen, na Região Noroeste do Rio Grande do Sul. Seu ambiente de trabalho é um pequeno galpão com muita serragem pelo chão. Ali ele aprendeu por conta própria a fazer seu ofício. E sua arte espalha pelo mundo instrumentos que vão reger a vida de sabe lá quantas pessoas. De meio mundo de gente.

A história de Seu Irineu, levantada pelo estudante de jornalismo Daniel Spina e fotografada por André Piovezan, ilustra bem o espírito jornalístico desta revista. Batizada de **Meio Mundo**, este projeto do Curso de Jornalismo do Cesnors/UFMS, executado pelos alunos do sexto semestre, busca apresentar reportagens centradas em pessoas e sua relação com o ambiente onde vivem. Esta foi a proposta e o desafio. E, com satisfação, sei que o leitor vai poder verificar, após a leitura, que a meta foi alcançada.

São 36 páginas de reportagens executadas de forma integrada entre repórteres, fotógrafos e diagramadores. Todas atividades típicas da profissão de jornalista. Em menos de dois meses, a revista **Meio Mundo** foi elaborada com o máximo de proximidade das exigências da profissão. A redação era a sala 12, o Laboratório de Informação Convergida (LIC, para os íntimos). Neste espaço, foram discutidos o projeto gráfico, projeto editorial, pautas, apurações, imagens, infográficos, diagramações, textos e capa. As atividades também

aconteciam on line por meio do ambiente Moodle aulas.pro.br (<http://aulas.pro.br/cursos/>), que deu suporte para a disciplina.

Hoje, o resultado está aí para **Meio Mundo** ver, sentir, apreciar. A primeira edição da revista apresenta uma série de boas histórias, muitos personagens interessantes, acontecimentos inusitados, enfim, tudo que o bom jornalismo tem como característica única e insubstituível. Contando boas histórias, descrevendo ambientes, mostrando como o homem se relaciona com o mundo à sua volta, os alunos do Curso de Jornalismo oferecem para os leitores a possibilidade de viajar para locais desconhecidos. Este olhar diferenciado sobre os fatos da vida, mescla de teoria e prática, é um dos maiores legados que um Curso de Jornalismo pode oferecer. Não são as máquinas nem os prédios que farão um bom profissional. É o ambiente de troca de idéias, de debate, de disseminação do conhecimento que prepara o estudante para um contato diferenciado com o social, com as pessoas, com as histórias que serão o seu meio de trabalho.

Jornalista trabalha com e para gente. Não com e para máquinas. O conceito de produção de conteúdo, muito em moda nas grandes redações como uma grande novidade de gestão de uma empresa jornalística, ignora a essência mais básica do fazer jornalístico: o contar boas histórias. E para serem bem aceitas, obrigatoriamente necessitam de boas fotos e uma bela disposição dos elementos em uma página. Ai estão algumas delas. Quem sabe disso? **Meio mundo**.

Boa leitura!

Carlos Dominguez, jornalista

Expediente

Meio Mundo - Revista Laboratório do Curso de Jornalismo do Cesnors/UFMS - campus em Frederico Westphalen, RS, Brasil.

Ano 1 - Número 1 - Julho de 2009

Publicação produzida pelos alunos do 6º semestre na disciplina de Laboratório de Jornalismo Impresso II - 1º semestre de 2009.

Professores responsáveis, edição: prof. MS. Carlos Dominguez e prof. MS. José Antonio Meira da Rocha.

Textos: Aline Schuster, Bruna Wandscheer, Daniela Polla, Deyse Calegari, Diego dos Santos, Eledinéia Luza, Gianini da Silva, Gustavo Menegusso, Heliose Santi, Josiane Canterle, Juliana Pedroso, Morgana Fischer, Priscila Devens, Roscéli Kochhann, Daniel Spiña, Duane Löblein, Eveline

Poncio, Janini Schmitz, Juarez Braga Zanberlan, Karen Kohn, Letícia Cunha da Costa, Nilson Rosa Lopes, Roselaine Caratti, Thais Garcia.

Fotos: Ângelo Lorini, André Piovezan, Eliane de Souza, Gustavo Farezin, **Diagramação:** André Rosa Lopes, Phelipe, Portela Pires Felipe Zibbel, Franciele Vitali.

Capa: Foto de André Piovezan com design de Felipe Zibell.

Impressão: Imprensa Universitária.

Tiragem: 500 exemplares.

Versão On Line em <http://www.cesnors.ufsm.br/dahora> .

Ministério da Educação do Brasil
Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte-RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Jornalismo

Índice



Página 4 Construção sustentável

Será que chove, compadre? **Página 6**



Página 8 Um luxo de lixo

O que era lixo vira diversão **Página 10**



Página 12 Preservar não dói

Qual é a do eucalipto? **Página 14**



Página 16 O adeus das florestas

A porta que nunca fecha **Página 18**



Página 20 A arte de talhar o som

Como é que eu vou? **Página 22**



Página 24 Vou morar sozinho!

E numa folha qualquer... **Página 26**



Página 28 Cidadão de três pátrias

O punk não morreu **Página 30**



Página 32 Água tratada escorre pelo ralo

Boa caminhada **Página 33**

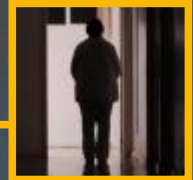


Página 34 A sombra da Hora do planeta

Yoga **Página 35**



Página 36 Proteja seus olhos



Construção sustentável

Com algumas medidas simples podemos diminuir significativamente o impacto da construção civil ao meio ambiente

Camila Tomazoni

camilatomazoni@gmail.com

A partir da década de 1970, com a primeira crise do petróleo, a construção sustentável começou a ser pensada. Os países perceberam a necessidade de buscar outras fontes de energia devido aos altos preços que o petróleo alcançou nessa época. A construção civil também agride diretamente o meio ambiente. Com algumas mudanças, que podem ser implantadas mesmo durante a obra, o impacto pode ser diminuído.

O meio ambiente é muito danificado pela construção civil, pois ela altera as áreas urbanas e rurais, consome recursos naturais e gera muitos resíduos. Para que esse impacto seja amenizado pratica-se a construção e arquitetura sustentável. Segundo o arquiteto Diego Rocha, arquitetura sustentável resume-se em uma forma de planejar e construir usan-

do técnicas simples e complexas, de maneira ambientalmente amigável.

O maior problema ambiental que podemos identificar é o que se relaciona com a água. Nos meses de abril e maio, principalmente a região norte do Rio Grande do Sul, foi atingida por uma forte estiagem, característica do uso irresponsável da água. Um dos grandes desperdícios é a quantidade de água das descargas dos vasos sanitários. As descargas antigas podem chegar a utilizar 12 litros de água. Modelos mais novos, com sistema de duplo fluxo de 3 e 6 litros, já estão sendo comercializados, mas, a maioria das residências possui o modelo antigo.

Outro grave problema, nos lembra o Engenheiro Valdenir Cadore, é a diminuição das áreas de escoamento da água que, juntamente com o acúmulo de lixo, gera enchentes.

Soluções simples podem ser adotadas para diminuir o problema da água. Como a que encontramos em um posto de combustível na cidade de Três Passos. Para a lavagem dos carros, foram reutilizados tanques de combustíveis antigos que armazenam a água da chuva. Durante o período de estiagem, algumas lava-

gens de automóveis tiveram que parar de funcionar, mas, não a do Posto do Nego, pois utiliza a água da chuva para a atividade. Segundo a proprietária do posto, Maria Elizabete Mallmann, foi registrada economia de R\$400 reais nas contas de água e luz, pois a maior parte da água era bombeada de uma vertente, fazendo uso da energia elétrica. Estima-se que, em dois anos, o custo da implantação seja resarcido pela economia.

A professora de educação física Cleomara Gonzatto implantou um sistema de aquecimento solar da água da piscina em que ministra aulas de hidroginástica. Desde 2004 o sistema funciona e, segundo a professora, mesmo no inverno a incidência de sol torna desnecessário o aquecimento a gás. Segundo ela, a economia anual chega a 40%.



FOTO ANDRÉ PIOVESAN



Os Teletubbies e sua casa coberta de grama: o programa infantil já trabalhava de uma forma lúdica e educativa a questão da preservação do ambiente.



Aquecimento com garrafas PET

Uma solução caseira é a placa de ASBC (Aquecimento solar de baixo custo) acima, que está implantada no Colégio Agrícola de Frederico Westphalen. Tem fabricação simples: garrafas PET, canos PVC, um suporte e caixa d'água. A água sai da caixa e passa pelos canos aquecidos pela exposição ao sol. Após percorrer o circuito, a água vai para uma torneira para ser usada. As garrafas PET funcionam como uma espécie de estufa, pois a luz solar penetra e não é liberada. A cor preta do suporte e da caixa d'água também auxiliam no aquecimento, pois o preto absorve mais calor que as outras cores. Ela não está sendo usada atualmente, pois, para seu funcionamento eficaz, deveria ser maior. Mas, é uma experiência que comprova que podemos economizar energia gastando pouco. Para mais informações, veja www.sociedadadosol.org.br.

Desenho da casa ecológica

Algumas soluções simples podem ser adaptadas à construção para que o impacto ambiental seja menor. Aparentemente, podem parecer caras, mas os profissionais garantem que o retorno é satisfatório

1 Captação de água

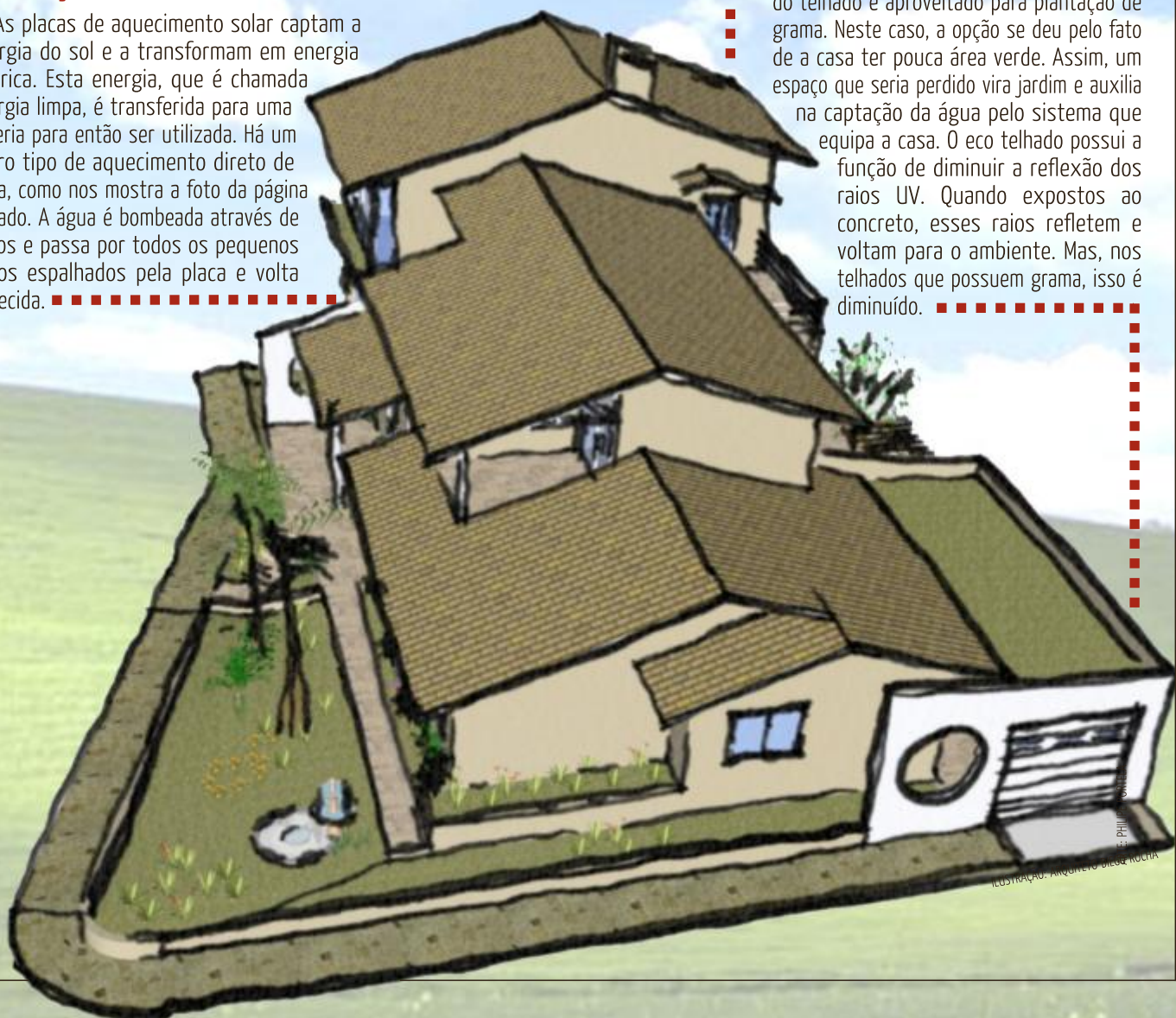
Este estudo (como é chamado este desenho na arquitetura) é de uma casa que será construída na cidade de Frederico Westphalen. A água é captada por calhas que são instaladas no telhado. Das calhas, a água passa por um cano que a leva para uma cisterna, um reservatório de água que geralmente fica enterrado. Para a água ser utilizada, pode-se usar uma caixa d'água que a distribua. Neste caso, há uma bomba que impulsiona a água para a caixa especialmente instalada. Essa água pode ser usada para a limpeza de calçadas ou áreas comuns, nas torneiras externas e, principalmente, nas descargas dos vasos sanitários. Com este sistema de captação de água, contribuimos para a solução de dois problemas: evitamos o desperdício, reaproveitando a água e evitamos que ela se acumule no concreto, criando uma "válvula de escape".

2 Aquecimento solar

As placas de aquecimento solar captam a energia do sol e a transformam em energia elétrica. Esta energia, que é chamada energia limpa, é transferida para uma bateria para então ser utilizada. Há um outro tipo de aquecimento direto de água, como nos mostra a foto da página ao lado. A água é bombeada através de canos e passa por todos os pequenos canos espalhados pela placa e volta aquecida.

3 Eco telhado

A casa possui um eco telhado. O espaço do telhado é aproveitado para plantação de grama. Neste caso, a opção se deu pelo fato de a casa ter pouca área verde. Assim, um espaço que seria perdido vira jardim e auxilia na captação da água pelo sistema que equipa a casa. O eco telhado possui a função de diminuir a reflexão dos raios UV. Quando expostos ao concreto, esses raios refletem e voltam para o ambiente. Mas, nos telhados que possuem grama, isso é diminuído.



Será que chove, compadre?

Seca no sul. Enchente no nordeste. Nem todos ficam esperando ações governamentais

Juarez Braga Zamberlan

zamberlan.braga@gmail.com

Aliando tecnologias modernas e antigas, a implantação de sistemas de captação de água da chuva e energia solar vem crescendo na região do Médio Alto Uruguai, no Rio Grande do Sul. Antes do surgimento das empresas de captação, tratamento e distribuição de água, as pessoas se preocupavam em construir suas residências em lugares com água abundante, detectada por alguém com poderes especiais e uma forquilha de pessegueiro. Poço com rolo de corda e balde (bomba era luxo), cisterna para armazenagem da água da chuva faziam parte do planejamento na hora de construir ou reformar. Os tempos mudaram, mas cada vez mais há quem defenda a volta de práticas abandonadas.

A região do semi-árido nordestino sempre sofreu com a seca. No momento é a enchente que assusta a todos. O Governo Federal, através do Ministério do Desenvolvimento Social – MDS, programa Fome Zero, recebeu recentemente um prêmio da ONU pela ação de construção de cisternas para armazenamento de água. O Governo planeja estender o programa para a região sul.



FOTO: JUAREZ ZAMBERLAN

Na indústria, o tanque vertical de dez mil litros abastece outro reservatório de cinco mil

Por sua vez, aumenta a conscientização deque chuva não depende de São Pedro. Antecipando-se à medidas governamentais, a construção ou instalação de cisternas vem sendo utilizada pelos mais conscientes. Em Três Passos, o empresário Adelar Franke (18 empregados), possui capacidade de armazenamento para 30 mil litros de água da chuva, distribuída nos prédios residencial e industrial.

Filho de agricultores, Adelar ainda cultiva frutas e verduras nos terrenos da casa e empresa. Na fábrica de equipamentos para resfriamento e conservação de leite, a água que cai nos telhados é aproveitada também para testes dos produtos e lavagem de peças. Criativo, ele mesmo desenvolveu o sistema de captação utilizado em suas atividades. Para

filtrar a água é utilizado o bedin, também usado em refrigeração. A economia gira em torno de R\$ 200,00 por mês.

Sobre a expansão destas experiências para os produtores rurais, Adelar Franke afirma que seria necessário um vigoroso programa de estímulo por parte dos governos.

Se depender do investimento dos agricultores, isso infelizmente não acontece, pela atual descapitalização e falta de consciência com o ambiente, conclui o industrial.

O projeto da casa da família de Alexandre Grolli, formada por quatro pessoas, prevê captação de água de chuva e energia solar. Será um gasto adicional de R\$ 6 mil, recuperáveis gradativamente com a economia em água e energia adquiridas das concessionárias. A idéia é apoiada pela filha Carolina, de 14 anos.

Energia Solar

Outra decisão que colabora na preservação ambiental é a utilização de energia do sol em residências, hotéis, hospitais e em empreendimentos agropecuários. É necessária a instalação de placas coletoras da energia solar e um reservatório térmico, também chamado boiler. A quantidade de placas e a capacidade do reservatório variam do número de pessoas a serem beneficiadas ou do uso da água aquecida no sistema. Hotéis e hospitais modernos utilizam essa tecnologia na lavanderia, cozinha e banheiros.

Piscinas

Ultimamente cresce o número de residências que aquecem a água da piscina com energia solar. Existe no mercado um tipo de placa mais econômico para este tipo de demanda.

Engenheiros e arquitetos preocupados com a questão ambiental recomendam aos clientes a implantação de projetos com previsão ou imediata aplicação de tecnologias de captação de energia solar e reuso da água das chuvas. A decisão final é sempre do cliente, uma vez que o custo da obra aumenta, afirma o arquiteto Cássio Lorenzini.

Notícia para inglês ver

Notícia divulgada em 18 de junho de 2006, no site do Governo do Rio Grande do Sul (<http://www.estado.rs.gov.br>), divulgava o Programa Estadual de Captação e Manejo de Água da Chuva – PECMAC, lançado oficialmente pelo governador Germano Rigotto, em dezembro de 2005. Tinha o objetivo de buscar alternativas usando a água da chuva em diversos projetos de captação e armazenamento, com a participação de entidades como Defesa Civil do Estado, Crea, Farsul, Fiergs, Famurs, Fepam, Fetag, Irga, Secretarias de Estado (da Agricultura, de Obras, do Meio Ambiente), além de pequenos agricultores, entre outros.

Orientava os agricultores a se dirigirem ao escritório da Emater local para elaboração de projetos para construção de cisternas, a serem financiadas pelo Banrisul. A funcionária do escritório da Emater de Três Passos não soube informar se alguma cisterna foi construída com base nesse programa.

Esgoto doméstico

Empresa da região de Três Passos desenvolve tecnologia e equipamentos para tratamento de esgoto cloacal em residências. Consiste na colocação de dois filtros — um com água e outro com pedra brita — nos quais são diluídos e filtrados os dejetos humanos, destinando ao sumidouro. Esgoto praticamente ecológico, sem prejudicar a natureza e sem a necessidade de limpeza futura.

Legislação

Tanto a captação de água da chuva, quanto à utilização de energia solar ou tratamento doméstico do esgoto cloacal têm sido, na maioria das vezes, iniciativa dos proprietários dos imóveis, aconselhados ou não por responsáveis técnicos. São raras as cidades brasileiras que possuem leis que obriguem ou incentivem tais práticas. São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Curitiba se destacam.

Em Três Passos, a Câmara de Vereadores aprovou indicação da vereadora Marli Franke, sugerindo ao Poder Executivo a concessão de benefício fiscal — redução do IPTU — aos proprietários que instalarem, nas construções ou reformas, sistema de aproveitamento da água da chuva ou energia solar. A sugestão encontra-se em estudos pelo Poder Executivo.

Projeto do deputado Miguel Martini, do PHS-MG, tramitando na Câmara Federal prevê a obrigação de retenção de águas das chuvas nas edificações e estacionamentos em municípios com mais de 100 mil habitantes.

No programa habitacional “Minha Casa, Minha Vida”, lançado recentemente pelo Governo Federal, será induzida a utilização de Sistema de Aquecimento Solar-Térmico, possibilitando a redução do consumo de energia elétrica e da emissão de dióxido de carbono (CO₂).

Gente que não espera, faz



FOTOS: ELIANA DE SOUZA

O agricultor Erno de Souza construiu uma cisterna com recursos próprios

Em Pinheirinho do Vale, na linha Quilômetro 10, o agricultor Erno de Souza, 56 anos, sempre se preocupou com o abastecimento de água da propriedade, para uso doméstico e para os animais. Vivendo em terreno alto e seco, a solução foi instalar uma cisterna, de fibra de vidro, com capacidade para armazenar 5.000 litros. O processo é

bastante simples: calha nos telhados da casa e canos que direcionam a água da chuva para a cisterna fixa no solo. Uma bomba abastece outro reservatório menor, que distribui o precioso líquido, uma vez que não existe rede pública de água na comunidade em que vive.

Salientando a importância do armazenamento de água das chuvas, Souza pretende instalar uma cisterna maior, com capacidade para dez mil litros, porque a atual enche rapidamente e muita água acaba sendo desperdiçada.



Um luxo de lixo

Quando o lixo vira arte

Eveline Poncio e Bruna Wandscheer

eveponcio@gmail.com
brujornalismo@hotmail.com

Para muitas pessoas, aquilo que não tem mais utilidade se resume a "LIXO". E ponto final. Toda dia, milhares de toneladas de lixo são postos fora sem a menor culpa ou peso na consciência.

No Brasil, cada habitante produz, em média, 500 gramas de lixo por dia, um número que já é bastante elevado para um país com 180 milhões de pessoas. Agora imagine como é a situação em países como os Estados Unidos, onde a produção de lixo diário por habitante chega a 1,8 quilogramas!

Em Frederico Westphalen, Ida e Alfredo Pitton, 78 e 81 anos, fazem desse lixo sem serventia uma arte linda de se ver.

O casal morou boa parte de suas vidas no interior do município e há quinze anos decidiu trocar a vida dura da granja pela comodidade da cidade. Seu Alfredo, agricultor aposentado, estava ficando velho demais para a lida no campo. Dona Ida tinha a preocupação de que algo ruim acontecesse à saúde do marido, já que a principal produção da família no campo era o fumo, e assim o casal optou por passar a morar na cidade.

Com a mudança, a maior preocupação do casal era como se ocupar na cidade, já que estavam acostumados com uma vida movimentada e de muito trabalho. A saída encontrada



O lixo vira bolsas, cortinas, vasos de flor e pinheirinhos nas mãos de Dona Ida



por dona Ida e seu Alfredo foi fazer artesanato com materiais simples e recicláveis que eles tinham em casa. Assim surgiu a paixão pelo artesanato. A primeira peça, feita há mais de quinze anos, permanece intacta na casa do casal: cortinas feitas com anéis de plástico de garrafas PET.

Depois de alguns cursos para se especializar, hoje eles trabalham com todo material que encontram: garrafas PET, tampinhas, papéis, latas de tinta, tudo vira arte na mão do casal. As idéias e os trabalhos delicados como finalizações em costura, tricô e crochê vêm de dona Ida, enquanto seu Alfredo se encarrega da parte pesada da confecção, como corte dos litros e tudo que envolva força física.

Como a idade não os deixa sair pelas ruas procurando materiais para trabalharem, dona Ida conta que eles chamam as crianças de rua e trocam balas e doces por litros descartáveis. "Eles vêm aqui e nos trazem os litros que acham pela rua. Em troca, a gente dá a eles doces e balas. Eles ficam bem felizes com isso e a gente junta matéria-prima, porque para fazer, por exemplo, uma bol-

sa de garrafa PET, precisa-se de 18 garrafas. Vai bastante material".

Na casa de dona Ida e seu Alfredo, nada se perde, tudo se transforma. As peças que o casal produz, sempre que possível, são comercializadas, principalmente em épocas de Natal e na Páscoa, onde a procura por arranjos, guirlandas e pinheirinhos cresce. Tudo produzido, é claro, com materiais recicláveis. O valor das

peças varia entre R\$ 10, para pequenos arranjos, até R\$ 60, para vasos de flores artificiais feitas com papel EVA, lata de tinta usada e acabamento em crochê. "Às vezes, tem peças que demoram até dois dias para ficar prontas. É bastante trabalho. Tem meses que a gente vende mais e tem meses que vende menos, sempre depende da época, mas a procura é grande, as pessoas vêm aqui

em casa conhecer nosso trabalho", diz o agricultor aposentado.

O casal, que trabalha unido, sabe muito bem da importância de reciclar. Eles lembram que os litros PET, em vez de estar entupindo bueiros e sujando os rios, se tornam artigos de decoração e ocupação para eles.

“ Cata papelão, Latinha, sujeira, cata lixo, emoção. A vida que escapa da mão, A vida é um pedaço no chão.”

**Catador de lixo e rapper
Guerreiro Silva**

O que vira o quê?

Folhas - Sementes
cipos

Decoração para
vasos de flores

Filtra de
bananeira

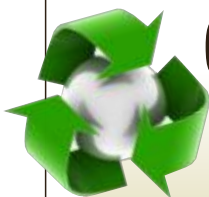
Imitação de renda
para decoração

Pneus velhos

Sofá tipo puff
redondo

Garrafas PET

Puff quadrado
árvore de natal
bolsas de praia





FOTOS ANDRÉ PIOVESAN

A artesã mostra com orgulho o lixo que transforma em arte. Outro exemplo pode ser visto na ONG "Esquina da Solidariedade" (acima)

"Posso dizer que o artesanato mudou minha vida. Se estou sem fazer nada, estou pensando no que poderia fazer de diferente e criar novas peças", diz Dona Ida, que espalha na cama, com orgulho, suas últimas peças produzidas.

Mas, não são apenas de ações isoladas que vive o mundo da arte feita com matérias recicláveis em Frederico Westphalen. A ONG "É preciso repartir meu saber com todos", mais conhecida como Esquina da Solidariedade, promove a oficina de artesanato "Luxo de Lixo", onde mulheres de comunidades carentes aprendem a fazer artigos de artesanato com materiais reciclados e materiais encontrados na natureza, como fibra de bananeira, sementes, cipós e folhas secas que caem das árvores.

Segundo a coordenadora do projeto, Idoli Crespan, 59 anos, a idéia principal da ONG é qualificar a mão de obra dessas mulheres e passar a elas conhecimentos para que possam depois, sozinhas, se incluir no mercado e se sustentar a partir do artesanato. As peças são vendidas e os lucros são remetidos às comunidades e pessoas envolvidas, em forma de investimentos e produtos.

Todo o trabalho realizado no projeto é voluntário. São pessoas que oferecem um pouco do seu tempo para transformar a vida de outras. Idoli Crespan diz que cerca de 200 famílias estão envolvidas na ONG, entre beneficiados e colaboradores. Uma destas pessoas é o

decorador Altemir Bisolin, que utiliza a arte como possibilidade para materiais recicláveis.

Na sede da ONG, é possível encontrar várias peças produzidas na oficina de artesanato, mas também encontramos histórias de pessoas que tiveram sua vida transformada pelo projeto. Como Venilda Anselmo, 41 anos, que há 6 anos começou a participar das oficinas. Quando chegou até a ONG, estava com depressão. Mas, ela conta que depois mudou tudo em sua vida. Ali naquela esquina, ela conseguiu superar a doença. "Gostei e não consigo ficar um dia sem estar aqui". Venilda trabalha voluntariamente na sede do projeto cinco dias por semana. Já participou de tudo o que é oferecido ali, desde oficinas de alimentação até do próprio artesanato. Sua renda mensal vem da venda de sabão que ela aprendeu a confeccionar ali mesmo no projeto.

Iniciativas como esta da ONG Esquina da Solidariedade e do casal Pitton reciclam muito mais do que materiais sem utilidade. Reciclam também histórias de vida, transmitindo idéias como cidadania e cuidado com o meio por onde passam. O benefício não é apenas para quem aprende, mas também para quem ensina e quem adquire peças produzidas com materiais recicláveis. Leva-se para casa ensinamentos básicos como solidariedade, cidadania e consciência ambiental juntamente com um artigo de lixo luxuoso.

Um incentivador

Altemir Antônio Bisolin é decorador e dono de uma empresa de decoração de eventos. Ele oferece as oficinas na ONG Esquina da Solidariedade e em outros projetos sociais. O grande incentivo a participar de projetos como este é o aprendizado. Segundo Altemir, ele aprende com as pessoas mais do que ensina, e se sente gratificado por cumprir seu compromisso como cidadão. O artista não apenas ensina a arte de transformar produtos recicláveis, como também os utiliza em seu trabalho. O decorador diz: "você colabora com o meio ambiente e também utiliza coisas que não teriam valor, transformando-as em beleza". Ele ainda sustenta que o artesanato feito desta forma gera uma admiração especial pela criatividade do artista.



FOTO ANDRÉ PIOVESAN



Vasos, porta revistas



Fibra para acolchoados



Garrafas long neck e latas

Artigos decorativos

O que era lixo vira diversão

Escolas de Frederico Westphalen inserem a educação ambiental na didática escolar



FOTO ANDRÉ PROVESANI

Na escola Sepé Tiaraju, os estudantes recolhem e armazenam os jornais e garrafas PET

Janini Letícia Schmitz

janinischmitz@yahoo.com.br

Dariamente, três milhões de toneladas de lixo são geradas no mundo. Só no Brasil, são cerca de 120 mil toneladas de lixo domiciliar. No Rio Grande do Sul, cerca de 7 mil toneladas por dia. Em média, cada pessoa produz um quilo de lixo por dia, no mundo. Este número pode variar de acordo com a classe social e a região em que cada pessoa habita.

Esta quantidade assusta a qualquer pessoa que esteja preocupada com o futuro do mundo. E o que estamos fazendo para nos proteger e proteger o mundo?

A educação ambiental é uma das soluções para combater o desperdício de produtos e evitar problemas maiores. Tem como objetivo ensinar que o homem é parte da natureza e não dono dela. A saída para os problemas do mundo não estão somente nas crianças, mas principalmente nelas.

Desde 1999, a educação ambiental virou lei, afirmando que ela é componente essencial da educação nacional e deve estar presente em todos os níveis e modalidades do pro-

cesso educativo. Algumas escolas de Frederico Westphalen implantaram a educação ambiental e a cada ano surgem novas ideias para melhorar e aperfeiçoar os projetos.

A Escola Estadual Afonso Pena é adepta a educação ambiental. Ela trabalha com os alunos a questão da reciclagem, a separação do lixo e o uso dos recursos naturais com consciência. A professora e coordenadora da escola Lurdes Cavali é responsável pelas atividades dos alunos. “A gente tem um projeto junto com os pais para recolher garrafas PET. Os alunos trazem para escola, daí a gente lava e ensaca as garrafas para vender”, explica a coordenadora.

As garrafas são vendidas aos produtores de vinho da região. Com o dinheiro arrecadado, a escola adquire novos livros para a biblioteca. A escola uniu o útil ao agradável. Assim, as crianças levam as garrafas para a escola e conseqüentemente adquirem novos livros que serão usados por elas. Existe outro projeto na escola onde os alunos fazem brinquedos com materiais que antes iriam para o lixo. Latas de leite em pó, caixinha de remédio, embalagem de amaciante. Materiais des-

se tipo são usados na confecção dos brinquedos que as crianças fabricam e depois se divertem. Essas atividades são levadas a sério pelas crianças e professores. Todo ano são feitos novos brinquedos, e o recolhimento das garrafas PET só termina quando termina o ano letivo.

Já a Escola Estadual de Educação Básica Sepé Tiaraju, de Frederico Westphalen, utiliza outra abordagem para combater o desperdício e ensinar as crianças que reciclar é necessário. No colégio, eles participam da campanha “Preserve a natureza e ganhe prêmios”. Segundo a coordenadora Claudia Maria Bizello, os alunos levam para a escola garrafas PET e jornal. Toda quarta-feira e no final do ano, a turma que tiver juntado mais material ganha um prêmio.

A campanha começou em abril e termina em novembro. “Essas campanhas são muito boas, pois os alunos aprendem a cuidar do meio ambiente”, explica a coordenadora.

Não são só os professores que gostam dessas campanhas. Os alunos também gostam, pois, segundo eles, é uma competição saudável para eles e para o mundo. “Eu acho muito



FOTO ANDRÉ PIOVESAN

Fabricação de brinquedos dentro de sala de aula na Escola Afonso Pena

importante porque a gente ajuda a reciclar e também pode ganhar prêmios. Eu explico o que aprendi na aula em casa. Assim, aprendo a cuidar do meio ambiente na escola e em casa”, conta Lucas Resarim Vanzim, de 10 anos, aluno da 4ª série.

Mesmo as escolas ensinando e incentivando os alunos sobre a educação ambiental, é necessário mudar o comportamento das pessoas em relação a natureza. É preciso que se promova um modelo de vida sustentável, que se concilie as práticas econômicas e ambientais para que possamos ter reflexos positivos na qualidade de vi-

da de todos. Para que as futuras gerações possam usar esses recursos naturais com a mesma consciência que nós.

A educação ambiental é uma das melhores soluções para esse problema, a conscientização das crianças por meio da escola atinge toda a comunidade, pois as crianças aprendem em aula e ensinam em casa para suas famílias. Cada atitude tomada por qualquer pessoa é um incentivo para as outras começarem a tomar atitudes também. A palavra certa para tentarmos mudar esse cenário de devastação, com certeza é conscientização.



FOTO ANDRÉ PIOVESAN

As crianças desenvolvem habilidades com a fabricação dos brinquedos

Quanto lixo!



120 mil toneladas de lixo no Brasil.



7 mil toneladas no Rio Grande do Sul.



Cada pessoa produz diariamente um kg de lixo no mundo.

Preservar não dói!

É hora de colocar em prática a velha lição de que devemos cuidar do meio ambiente



Jogar lixo no lixo, é a regra básica da preservação

FOTO GUSTAVO FAREZIN, ARTE ANDRÉ LOPES

Letícia Costa
lecdacosta@gmail.com
Preserve o ambiente! Já faz um bom tempo que essa frase circula pelas nossas cabeças. A questão é: como preservar?

O primeiro passo para mudar hábitos é saber o que o excesso de lixo pode causar ao meio ambiente, ou seja, saber a parte ruim da história. O exemplo do uso exacerbado de sacolas plásticas ilustra bem o problema. No mundo todo são consumidos cerca de um milhão de sacolas plásticas por minuto, resultando em mais de 500 bilhões por ano! Só no Brasil, são 12 bilhões anualmente. Além de se acumularem nos aterros sanitários, as sacolas são feitas de um material que emite gases poluentes. Cada família brasileira descarta em média 40 quilos de plástico por ano. Por essas e outras, surgiram as ecobags, as sacolas ecológicas. Elas são feitas de materiais duráveis – como tecido – trazem um ar de modernidade e agradam aos mais variados estilos.

Nas grandes cidades, surgem novas formas de ajudar o ambiente. Atualmente, estão sendo inaugurados supermercados com uma idéia totalmente ecológica, desde a sua construção até o seu atendimento. Um exemplo disso são os depósitos para embalagens de produtos como caixas de pasta de dentes, cereais e outros produtos. Na construção, mudanças como o uso de lâmpadas funcionais e econômicas, o aproveitamento da luz natural, a reutilização de água da chuva e a implementação de descarga a vácuo nos banheiros resultam em um consumo 25% menor de energia e 40% menor de água.

Nossa reportagem procurou conhecer pessoas que colocaram na sua rotina atitudes ecológicas, independente da cidade em que mora. É o caso de Liane Weber, engenheira

florestal e professora universitária.

– Em casa, eu procuro separar o lixo seco, do restante. Sei que aqui na minha cidade, Santa Maria, não existe coleta seletiva de lixo, mas independente disto, eu faço a minha parte. Sempre que posso, levo materiais tipo plástico e papel, até um lugar de recebimento de lixo reciclável – conta Liane.

Em cidades como Florianópolis, em Santa Catarina, existe a coleta seletiva. A professora Andressa Farias, além de seguir a regra básica de nunca jogar lixo no chão, acostumou a separar os lixos.

– No cotidiano, em vias públicas, sempre

cuido para que todo lixo produzido por mim seja depositado em lixeiras. Senão, eu guardo o lixo para depositar numa lixeira posteriormente. Além disso, no meu prédio há coleta seletiva do lixo seco e orgânico então no dia-a-dia eu separo o lixo.

Manter o ambiente iluminado com luz natural e cuidar para não deixar as luzes acesas sem estar nos ambientes é uma atitude simples de ser tomada. Além de você estar preservando o meio ambiente, estará economizando na conta de luz!

Existe lixo de todos os tipos. Alguns alguns trazem riscos à saúde.

“Tomo cuidado para descartar o lixo da forma mais correta possível, faço a separação e quanto as pilhas e baterias levo aos pontos de coleta”, ressalta a estudante de jornalismo Eliana de Souza.

Para se ter uma noção do perigo, as pilhas e baterias possuem componentes tóxicos que são cancerígenos, podem provocar anemia, debilidade, mutações genéticas e outros danos no seu corpo e para o planeta. Aqui vai a dica: separe, guarde e devolva aos pontos de coleta e de preferência

use as pilhas recarregáveis que podem durar até cinco anos, enquanto a alcalina dura por 90 dias.

Alguns hábitos são difíceis de mudar. Liane, Andressa e Eliana confessam que pecam ao demorar no banho. Liane traz uma consideração importante com relação aos deslizamentos cometidos

“O momento mais fácil de esquecer o compromisso de preservar é quando a gente age de forma individualista”

Liane Weber



por todos. “O momento mais fácil de esquecer o compromisso de preservar é quando a gente age de forma individualista, como se ninguém fosse saber o que se está fazendo. Vivemos em grupo social, a atitude de um interfere sempre na de outra pessoa, mas muitas vezes esquecemos disto, é triste, mas é intrínseco do ser humano”, refletiu Liane.

Falando em coletividade, outra dica relevante é deixar o carro em casa. Você estará deixando de emitir 700 quilos de poluentes por ano! Para substituir ou diminuir o uso do carro, as alternativas são: dar ou pegar carona com alguém, ir caminhando ou usar o transporte público.

Temos que lembrar que nossas atitudes são reflexos de nossa criação. Para

Andressa Farias, mãe de Gisella, o papel dos pais como exemplo é de extrema importância. “Há atitudes simples do dia-a-dia que, creio, a Gisella, que tem 6 anos, já está incorporando. Como jogar o lixo no lixo, desligar a torneira na hora que escova os dentes, apagar as luzes das peças da casa que não está ocupando. Isso ela já vem fazendo quase que automaticamente por influência minha”, conta Andressa.



Assim como os pais, os professores também deixam marcas no comportamento dos seus alunos. Liane e Andressa, ambas professoras, inserem o tema preservação ambiental nos conteúdos das aulas e cumprem o papel de bom exemplo. “O professor é um referencial para a formação do futuro profissional! Parece conversa de senso comum, mas é exatamente assim que costumo agir dentro da sala de aula. Não posso cobrar de meus alunos,

atitudes que não tenho. Então, sempre que posso, coloco a questão de como é importante pensar e questionar as atitudes, dentro do tema da aula, mas de uma forma que valha para a vida como um todo”, disse Liane. “Enquanto professora, geralmente estas questões ambientais são abordadas em sala de aula no formato de seminário. A participação sempre foi excelente, resta saber se de fato possuem atitudes ecologicamente corretas”, explica Andressa.

Você pode começar com pequenas mudanças. Se for usar sacolas plásticas, tente reutilizá-las ao máximo. Use nos cestos de lixo, dentro dos automóveis, para guardar roupas e utensílios pouco usados, embalado sapatos, roupas sujas, molhadas e ao transportar líquidos. São pequenas atitudes que quando somadas fazem a diferença!



Recycle certo

Lembre-se das cores de separação e conheça símbolos de reciclagem



Plásticos como garrafas PET, sacos plásticos, cds e disquetes, tubos e canos e embalagens de produtos de limpeza.



Vidros como frascos em geral, garrafas de bebidas, copos, pratos, jarras e potes de produtos alimentícios.



Papéis como papel cartão, embalagens de presente, caixas de papelão, jornais e revistas, cadernos, cartolinas, livros.



Metais como latas de produtos alimentícios, latas de alumínio, embalagens metálicas, tampas de garrafas.



Qual é a do eucalipto?

Em Frederico Westphalen, a árvore divide opiniões: herói ou vilão



FOTO GUSTAVO FAREZIN

Juliana Pedroso

juddy_pedroso@hotmail.com

Um assunto bastante inusitado em relação ao eucalipto discute-se em Frederico Westphalen. A discussão atinge os extremos pois, por um lado, a árvore é considerada vilã; por outro, heroína. Na região, planta-se muitos eucaliptos, principalmente em frigorífios e abatedouros. A árvore está presente cotidianamente na vida das pessoas, seja como um adereço nas residências, seja como necessidade.

Um dos mais importantes pesquisadores da espécie eucalyptus do Brasil é o engenheiro Agrônomo Edmundo Navarro de Andrade. Ele realizou grandes plantações no estado do Rio de Janeiro, frisando, além da importância do eucalipto para ferrovias, sua utilidade para postes de eletricidade e celulose.

Grande parte da discussão em torno do plantio de eucaliptos se deve ao fato de as terras utilizadas para o cultivo de monoculturas em larga escala não atingirem um grande contingente de mão-de-obra humana, já que grande parte destas propriedades são altamente mecanizadas. Outro fator, é o caso dessas culturas serem capazes de absorver enormes quantidades de água, podendo até mesmo

secar rios e outras fontes hídricas existentes no entorno dessas grandes plantações.

Vale lembrar que várias são os produtos oriundas do eucalipto e ele tem suas vantagens. O professor e Engenheiro Florestal Edison Cantarelli, do Cesnors/Universidade Federal de Santa Maria, analisa não como uma vantagem, mas sim uma necessidade, pois desde os primórdios, os seres humanos utilizam a madeira para a sobrevivência.

“Todo mundo pensa se falta o arroz em casa, mas e se faltar o papel, o jornal? A vantagem estaria em cultivar uma planta de crescimento rápido, como Eucalyptus, Pinus, Acácia-negra, plantas que vem substituindo o consumo de plantas nativas”, aponta Edison.

O eucalipto figura cotidianamente na vida das pessoas, uma vez que se utiliza o papel, por exemplo, que vem da planta. Além disso, também está presente muitas vezes nas residências, em fogões à lenha, o que é lembrado muito no inverno. Pessoas que moram na cidade, mas principalmente as que residem no interior, utilizam-se bastante de fogões à lenha. No inverno, a fim de manter a casa aquecida, ou então por necessidade, economia. Com a agricultora Judite Botezini Piovezan, 43 anos, não é diferente.

Dona Judite mora com o marido e os filhos em uma casinha cercada por um pequeno lago e alguns animais no interior de Frederico Westphalen. Ela utiliza fogão à lenha desde pequena. Segundo ela, “a maior vantagem é não precisar ficar cuidando direto a comida, como o fogão à gás”. Ela aponta a necessidade pelo uso do fogão à lenha, uma vez que nem sempre se tem condições de comprar gás. Dona Judite possui uma pequena plantação de eucalipto nos fundos de sua casa, que almeja vender futuramente.

Na região de Frederico Westphalen, o tipo de eucalipto mais cultivado é o eucalyptus grandis, devido ao fato de ter um valor como lenha para o consumo em geral, que é o que frigorífios e abatedouros necessitam para as fornalhas. Esta é a espécie que teria maior robustez. Por outro lado, ambientalistas acusam o eucalipto de “vilão” ecológico, pelo fato da planta retirar muita água do ambiente, tornando o balanço hídrico negativo, além de causar o empobrecimento de solo e desertificação de áreas, promovendo a extinção da fauna.

Segundo o engenheiro licenciador ambiental Alcides Felipe Canolla, um dos problemas provocados pelo plantio do eucalipto é o fato de que vai ser plantado por grandes empre-

sas, à medida que se usa muito herbicida na planta. No Rio Grande do Sul, ele salienta que o cultivo de eucalipto causará a exploração do bioma do Pampa, uma vez que é trazida uma espécie exótica num bioma diferente de outros aonde é criada a cultura do eucalipto e principalmente por estar integrada à cultura do arroz, muito produzida na metade sul do estado. Esta já tem o consumo de água muito grande comparada a outras espécies.

“Acho que tudo em exagero faz mal”, alerta o estudante do terceiro semestre de Agronomia do Cesnors, Roger Uebel, “O eucalipto possui o mito de secar os mananciais devido ao rápido crescimento. Com quinze anos de vida a árvore já é adulta, isso dá a impressão de que ela absorve bastante água”.

Especialista da área florestal, o professor Edison diz que a planta em si não traz grandes impactos ambientais, que possam torná-lo assim um vilão, mas o modo como ele é plantado é que pode trazer danos e vir a degradar o meio ambiente.

De acordo com o professor, na maioria dos casos é feito o plantio sem uma orientação técnica em áreas que não são permitidas. “Se criou uma cultura no Brasil que área que não presta pra agricultura vai se plantar eucalipto”, salienta.

Áreas já degradadas recebem um impacto maior, além de ocorrerem plantios em áreas de preservação permanente – APP, que são as margens dos rios e banhados, onde a legislação não permite nenhum cultivo. São áreas vulneráveis à degradação ambiental.

“Ninguém usa a melhor área de sua proprie-



FOTO JULIANA PEDROSO

“No inverno, o eucalipto é muito útil para aquecer a casa”, lembra Dona Judite

dade pra plantar eucalipto, nem nós recomendamos isso, mas também tem que entender que já existe uma degradação que uma cultura agrícola causou, uma erosão, uma vossoroça, alguma coisa nesse sentido. A melhor forma de minimizar esse impacto da agricultura é fazer com uma silvicultura correta, o plantio da forma correta, com espécie adequada e respeitando a legislação do código florestal, preservando a APP”, finaliza Edison.

Questionamentos à parte, quanto aos benefícios e prejuízos que o cultivo da planta pode trazer, o fato é que tanto a natureza como as pessoas necessitam do eucalipto para uso residencial ou comercial. É uma planta de crescimento rápido comparada a outras espécies, o que, para o meio ambiente, é positivo. Assim como é importante para as pessoas que precisam da utilização da lenha, por necessidade.

Algumas vantagens e implicações no cultivo do eucalipto

Impactos positivos

- Preservação de espécies nativas;
- Recuperação de áreas degradadas;
- Uso de agrotóxicos em menor quantidade;
- É uma planta de crescimento rápido; adquirindo mais biomassa em menos tempo em relação às espécies nativas;
- Fácil adaptação a diferentes climas;
- Benefícios ambientais, econômicos e social, se plantados de forma adequada;

Impactos negativos

- Modificação do microclima regional e exploração de nutrientes do solo;
- Perda da biodiversidade;
- Redução da diversidade animal;
- Especialização da atividade produtiva: quando o cultivo de grandes áreas são dedicadas somente à monocultura do eucalipto, usando trabalho altamente especializado, gerando desemprego; algumas regiões, chegam a perder suas características culturais.



FOTO KAREN KOHN

As usinas hidrelétricas causam um extremo impacto sob a fauna e flora locais. O ciclo biológico é alterado e pode agravar fenômenos naturais

O adeus das florestas

Matas inteiras são consumidas pela ação do homem em nome do desenvolvimento

Karen Kohn

karenkohn_erechim@yahoo.com.br

Conto do Vigário

A reportagem da Revista Meio Mundo recebeu a denúncia de derrubada ilegal de mata nativa na em novembro de 2008.

O local fica às margens da RS-150, que liga Frederico Westphalen a Caiçara. Ao chegarmos no local, constatamos que muitas árvores tinham sido derrubadas com motosserra e outras estavam parcialmente cortadas, prontas para cair.

Fizemos a denúncia ao Grupo de Policiamento Ambiental de Frederico Westphalen. Na mesma semana, guardas ambientais visitaram a propriedade e constataram a infração. O dono foi intimado a comparecer à delegacia para explicar o fato. Segundo ele, as árvores foram "roubadas" da propriedade por moradores de uma vila vizinha ao local. Ele foi liberado sem nenhum problema.

Entrevistamos alguns vizinhos e descobrimos que eles já haviam denunciado o mesmo proprietário por três outras vezes. Segundo os vizinhos, o agricultor derruba as árvores à noite, as corta e leva a lenha para o porão da sua

casa, depois volta para o campo enterrar os tocos com a ajuda do trator. Um verdadeiro serial killer da natureza.

Final da história: o crime aconteceu, nada foi feito e o meio ambiente foi o mais prejudicado nessa história.



FOTO KAREN KOHN

Qualquer corte de árvores sem autorização é considerado crime ambiental

Florestas: o adeus das matas

Nos últimos meses de 2008, mais de 60 mil metros quadrados de mata nativa foram derrubadas em Frederico Westphalen e região, segundo dados repassados pelo Comandante do Grupo de Policiamento Ambiental de Frederico Westphalen, João Carlos de Mello. Números que contribuem para agravar os problemas ambientais do planeta.

Segundo o relatório realizado pelo Banco Mundial (Bird), o Brasil é o país com o maior índice de desmatamento no mundo. As florestas estão dando lugar a pastagens, lagos de hidrelétricas e principalmente, para as terras agrícolas.

Os cientistas consideram que o desmatamento tem efeito real e significativo sobre as alterações climáticas do planeta e sobre o aquecimento global.

Desastres naturais, como o ocorrido em Santa Catarina, em novembro do ano passado, são exemplos de como o clima revida sua fúria contra o homem. O estado de Santa Catarina ocupa o segundo lugar no ranking de desmatamento, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), perdendo apenas para Minas Gerais. O Rio Grande do Sul aparece em quinto lugar.



FOTO KAREN KOHN

Frederico Westphalen: mais de 60 mil m² de mata nativa foram derrubados ao final de 2008

A floresta virou lago

No Brasil, as grandes hidrelétricas já deslocaram mais de 1 milhão de pessoas de suas terras e inundaram mais de 34 mil km quadrados de florestas e campos, destruindo paisagens únicas, culturas e biodiversidade.

A bacia do Rio Uruguai é um território marcado por diversos conflitos sócio-ambientais onde o interesse meramente econômico fala mais alto que o respeito à natureza. Paisagens inteiras já foram engolidas pelas barragens ao longo do curso do Rio Uruguai e seus afluentes. Cenários belos e únicos como o Estreito, a cidade de Itá e muitas outras belezas estão hoje submersas nos lagos das hidrelétricas.

Hoje, as companhias hidrelétricas são “as donas” dos rios. Interessadas em vender energia elétrica para que todos possam tomar banho e assistir à novela no horário de pico, as usinas vão tomando conta da natureza e o impacto disso pode vir ser um verdadeiro apocalipse em poucas décadas.



FOTO KAREN KOHN

Floresta submersa em nome do desenvolvimento urbano

Código anti-ambiental

Ambientalistas e ruralistas travaram um duro embate pela proposta de reforma do Código Florestal Brasileiro, em abril deste ano.

Os ruralistas pretendem mudar o código para reduzir a faixa de preservação obrigatória. Já os ambientalistas resistem a qualquer mudança e não querem perdão para quem destrói a floresta.

Em Santa Catarina, em 2009, um novo código passou a vigorar, diminuindo de 30 para 5 metros a largura de preservação de mata ciliar. Para o Comandante do Grupo Ambiental de Frederico Westphalen, João Carlos de Mello, uma lei estadual não pode passar por cima de uma Lei Federal. “A medida é inconstitucional, contra a coletividade e não tem fundamento. A redução de APPs, principalmente das matas ciliares, influenciou nos desmoronamentos e contribuiu para o fenômeno que assombrou o Estado”, afirma o comandante.

Leis Ambientais

No Brasil as leis ambientais estão descritas na Constituição Federal, no Código Florestal Brasileiro e na Lei de Crimes Ambientais.



A Constituição Brasileira define responsabilidades, direitos e deveres de cada cidadão perante o ambiente. Assim, todos têm o direito de usufruir dos recursos naturais, bem como têm o dever protegê-los de qualquer ação danosa.



O Código Florestal considera as florestas um bem público. Desta forma, todos têm o direito de denunciar desmatamentos, queimadas ou uso ilegal de áreas florestais.



As florestas estão protegidas pelo Código Florestal em duas categorias: as Áreas de Preservação Permanente (APP) e as Áreas de Reserva Legal. As áreas de Reserva Legal podem ser exploradas somente com autorização e respeitando a manutenção de 20% de mata nativa. Nas Áreas de Preservação Permanente não é permitido o corte ou exploração da floresta ou da vegetação. Essas áreas abrangem as matas e vegetações ao redor dos rios e lagos, nos topos das montanhas e morros e em locais com mais de 45 graus de declividade.



A Lei dos Crimes Ambientais estipula punições contra danos ao meio ambiente. As penas podem vir a ser multas dependendo da área afetada e do número de árvores derrubadas, detenção de 3 meses a 5 anos, e reposição da área desmatada.

A porta que

Todos as noite, dezenas de pessoas à procura de ajuda. Conheça

Diego Oliveira

innsolito@gmail.com

A vida em um plantão médico não é nada fácil, mesmo. Foi o que pude comprovar na prática, ficando uma noite no plantão do hospital Divina Providência (HDP), em Frederico Westphalen.

Crianças, adolescentes, pessoas de meia idade, idosos. Não há idade nem horário para se ter problemas de saúde ou para se precisar da emergência de um hospital. Na noite do dia 4 de junho, acompanhei a rotina de médicos, de enfermeiros, de pacientes e do plantonista do HDP de Frederico Westphalen. O hospital conta atualmente com 65 leitos e atende a, aproximadamente, 150 mil pessoas da região. Mas, não é considerado um hospital regional e sim um ponto de

referência na região. O plantão do hospital conta com um quadro de nove funcionários: um médico, uma enfermeira, seis técnicos de enfermagem e um plantonista.

“...no verão os casos mais frequentes são de acidentes automobilísticos... tudo por causa de uma cervejinha a mais geralmente (risos).”

Elza Rodrigues
Enfermeira

O primeiro personagem dessa história é Gilberto Ferreira, o popular “Giba”, plantonista do hospital Divina Providência há 16 anos. Se diz apaixonado pela sua profissão. Giba, em sua entrevista, nos relatou casos de alegrias e tristezas que já enfrentou nesses anos de profissão, mas, também se diz acostumado com esse ambiente hospitalar. Outra ponto importante que lembra é o reconhecimento de seu trabalho por antigos pacientes, pois diz que, sempre quando lhe encontram, vem cumprimentar e conversar um pouco. Para ele, isso glorifica e engrandece seu trabalho e seu esforço pelo hospital.

Elza Rodrigues, enfermeira, há dois anos trabalha no HDP. Falou um pouco sobre os principais casos que ocorrem no plantão: “Ago-



Enfermeiras atendendo a criança com convulsão. Trabalho rápido e cuidadoso da equipe médica

nunca fecha

chegam ao Hospital Divina Providência
como é essa dura rotina

ra no inverno os principais casos que chegam até nós são principalmente de idosos e crianças com problemas respiratórios. Já no verão, os casos mais frequentes são de acidentes automobilísticos ou acidentes comuns, como queda nas piscinas dos clubes. Tudo por causa de uma cervejinha a mais, geralmente (risos)”.

A conversa corre boa, o ambiente estava tranquilo, mas como todo plantão é uma incôgnita, não se sabe o que pode acontecer. E acontece: chega o carro da Brigada Militar trazendo uma criança de nove meses carregada pelo seu pai. A criança estava com princípios de convulsão. O trabalho foi rápido e,

mais uma vez, bem sucedido, graças à equipe médica do hospital. Logo em seguida, a criança foi encaminhada para a pediatria, onde ficou sobre os cuidados e observação dos médicos.

Só não tive muito sucesso na tentativa de falar com o médico plantonista do dia. Por alguma razão, ele não quis dar entrevista.

As horas foram passando e mais uma noite se foi sem maiores problemas, como óbito ou acidentes mais graves. Na bagagem ficou uma experiência de vida, e o gosto de saber que Frederico Westphalen está bem servida por sua equipe médica do Hospital Divina Providência.



FOTO ANDRÉ PIOVESAN

Gilberto Ferreiro, o “Giba”, plantonista há 16 anos

A arte de talhar o som

A madeira trabalhada torna-se obra de arte nas mãos de um mestre

Daniel Espiña

danieldiscipulo@hotmail.com

Um galpão de madeira nos fundos de uma casa de esquina, longe do centro da cidade. Serragem pelo chão, ferramentas de marcenaria sobre uma mesa de serra. O ambiente de um artesão.

A luz do sol invade a sala por entre as frestas das madeiras do galpão. Com o avançar da tarde, o sol vai perdendo sua força e lentamente o ambiente vai perdendo a luminosidade com o crepúsculo.

Mas a luz ainda revela obras raras, não produzidas em série, manufaturadas com carinho e cuidados muitos especiais por mãos marcadas pelo tempo. Tempo que não é visto como barreira, mas como qualidade e aperfeiçoamento da técnica.

O sorriso e a alegria são passadas ao trabalho que lhe rendeu excelentes obras de arte. Algumas destas obras, de tão especiais, não estão à venda: foram talhadas com uma história, com precisão e com uma pitada de acaso do destino.

A lutheria é uma manifestação artística artesanal que envolve a construção e restauração de instrumentos de corda com caixa de ressonância, tais como o violino, a viola, o violoncelo, o contrabaixo e o violão (ver box na página ao lado).

A profissão não morreu. Persevera até hoje, mesmo com as dificuldades de encontrar madeira, da industrialização e robotização dos processos de produção. Ela está firme e viva nas mãos de Erineu Francisco Frozza, 60 anos, natural de Encantado, Rio Grande do Sul. "Seu Frozza", como é popularmente conhecido. Luthier.

Seu Frozza começou trabalhando numa marcenaria, onde surgiu a oportunidade de aprender a profissão. Um cliente tinha um violão quebrado na lateral até a parte inferior. Querendo consertá-lo, levou à marcenaria onde seu Frozza trabalhava: "deixe aqui o violão se eu conseguir consertar, nunca fiz isto antes, tu me paga o valor do conserto. Se eu não conseguir, então, tu pode levar embora", disse o marceneiro.

Espantou-se com o resultado. "Eu arrumei o violão a ponto do dono não reconhecê-lo". Então pensou: "Se posso arrumar esta parte, que é difícil por ter curvas e tudo o mais, porque não posso fazer um violão?" Foi a partir deste momento que começou na profissão,



Erineu Frozza cria arte com as próprias mãos

conta o luthier, que é artesão de carteirinha desde 1990.

Um violão normalmente leva de 15 a 20 dias para ficar pronto. O processo é artesanal, mas os moldes para um tipo de instrumento devem ser os mesmos. Cada parte é selecionada e colada uma após outra. A cola leva de 18 a 20 horas para secar.

Mas o seu primeiro violão levou seis meses para ficar pronto. Instrumento que Seu Frozza mostra com muito orgulho. Todo em mogno com o tampo de araucária. Aprendeu pelo



que sofreu. Autodidata, depois de cortar muita madeira errada, conseguiu ótimos resultados.

Além de fabricar, Seu Frozza conserta instrumentos. Mas adianta que não é fácil, pelo fato de haver pouca madeira para este tipo de trabalho. Quando cortada, ela não pode ficar torta, tem que ter seu formato em linhas retas. Ele consegue matéria prima nas madeireiras da cidade e as lâminas, por encomenda de outros estados.

Os clientes vão ao ateliê e escolhem peças já fabricadas, mas ele também produz instrumentos personalizados conforme encomenda do cliente. O primeiro nome — EFIM, Erineu Frozza Instrumentos Musicais — foi substituído por “Violas & Violões Frozza”, que ainda não é marca registrada. O luthier já criou uma viola “custom”, única, com formas e design que pretende patentear.

Ele revela o segredo na escolha da madeira: tem produzido os violões com imbuia (é uma árvore da família da Lauraceae, que ocorre tipicamente nas florestas da região dos Campos Gerais do Paraná), o braço de mogno (ou mogno-brasileiro, uma árvore

Luthier

Segundo Antonio Houaiss, o termo chegou à língua portuguesa por meio da palavra francesa **luthier** (fabricante de instrumentos de corda).

A melhor referência que se pode dar de “liutaiio” é Antonio Giacomo Stradivari (Cremona, 1648-1737), ou Stradivarius, como era conhecido. Foi um célebre luthier italiano. Ainda muito jovem foi discípulo de Niccolò Amati, com quem aprendeu e desenvolveu a arte de fazer instrumentos.

Muitas das técnicas utilizadas por ele ainda não foram completamente desvendadas.

Nicolò Amati (Cremona, 1596 - 12 de abril de 1684) foi um luthier da família italiana dos Amati, que se tornou conhecida pela alta qualidade dos instrumentos musicais que fabricava. Ele levou a técnica da família à perfeição em torno de 1645, sendo o mais procurado fabricante de sua geração. Nicolò teve um filho, Girolamo (1649-1740), que também obteve reconhecimento por sua habilidade no ofício, sendo o último da linhagem Amati de grandes luthiers. (<http://pt.wikipedia.org/>).

nativa da Amazônia, mais comum no sul do Pará), a tampa do instrumento de marfim imperial (ou figueira do norte) e a escala de guajuvira (é uma árvore encontrada nos estados brasileiros de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Também é conhecida por guajura, guaiabi, pau d'arco, apê branco, guaiuvira, guajubira, entre outros nomes). O preço dos violões varia de R\$ 180 à R\$ 380 Violas, de R\$ 320 à R\$600.

Além do talento em produzir instrumentos, Seu Frozza mostra habilidades no instrumento e no canto. Integrante do grupo de violeiros Chapéu de Palha, já gravou um CD, de produção independente. O grupo é composto pelos integrantes Edson Marcos Frozza (filho de Seu Frozza), Jackson, João da Silva (Dandão), Aloízio Mazzoneto, Edvino, Antonio Cardoso e Sergio Monilari.

Composição

Frozza ensina, passo a passo, como fazer um violão



1. Para a lateral: duas lâminas de madeira com lascas paralelas.



2. Com a cola seca, então, o mesmo molde é utilizado para fazer o outro lado que formarão o corpo do violão.



3. São acrescentados o braço e os trastes (segmentos no braço do violão, feitos de tiras de metal branco).



4. O tampo é feito com um compensado de marfim imperial onde são fixados o cavalete e o rastilho.



5. Tarrachas – fornecidas por lojas especializadas – são montadas na “mão” do violão. Servem para afinar o instrumento.



6. Finalmente, chega a hora do acabamento: o luthier lixa o instrumento, enverniza e põe as cordas.

Como é que eu vou?

Deslocar-se é sempre uma preocupação, principalmente nas cidades pequenas, onde os meios de transporte são restritos, de difícil acesso e, muitas vezes, caros



FOTO GUSTAVO FAREZIN

Estudantes de Frederico Westphalen contam com poucas opções de transporte coletivo

Aline Schuster e Daniela Polla

aline.schuster@hotmail.com/
dani.polla@hotmail.com

A primeira coisa a ser pensada quando se resolve ir de um lugar para outro é: que meio de transporte será utilizado? Essa preocupação tem proporções maiores quando se trata de cidades pequenas, nas quais as opções de meios de locomoção são muito restritas.

Imagine como é morar a 20 minutos do centro e ter que percorrer este trajeto todos os dias para trabalhar ou sempre que precisar ir a farmácia? Pense ainda que, em alguns bairros, existem problemas de iluminação, o que deixa algumas ruas completamente escuras à noite. Há uma bicicleta na garagem, comprada para facilitar este deslocamento. No entanto, a cidade não tem ciclovia e muito menos apoios para deixá-las. Em último caso, tem-se disponível o serviço de táxi. Para tanto, basta ligar para o único ponto de táxi da cidade e solicitar uma corrida. Porém, o gasto não baixará dos R\$ 10. Esta é a realidade dos frederiquenses.

Frederico Westphalen, município do interior do Estado, tem quase trinta mil habitantes. Abriga quatro instituições de ensino superior, tem 4,57 Km² de área urbana e não possui nem sequer transporte coletivo. O que aconte-

cece então? Acontece que quem não possui condições financeiras para manter um veículo de transporte próprio é obrigado a andar a pé, mesmo aqueles que moram nos bairros afastados do centro da cidade.

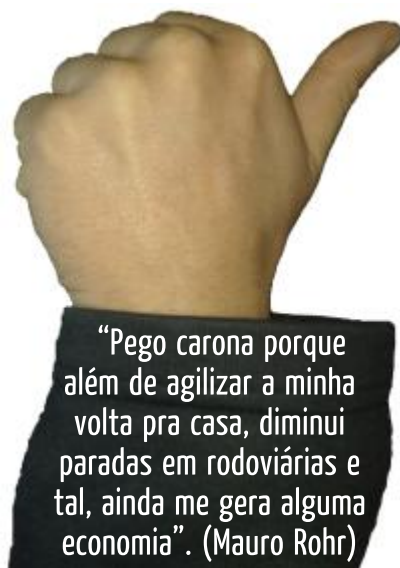
Não é à toa que Frederico possui um índice de motorização considerável. Segundo dados do Detran, de 1997 até 2007, a frota de veículos em circulação cresceu 47,16% no Rio Grande do Sul. Frederico Westphalen, ocupava em 2007 a 123ª posição no ranking do índice

de motorização do estado, com uma média de 2,5 habitantes por veículo. Este índice de veículo/pessoa revela a necessidade que os frederiquenses têm de possuírem um veículo próprio, devido à dificuldade e a falta de opções de transporte.

O secretário da administração, Vilnei Luiz Giacomini, diz que a implantação de um transporte público e coletivo requer estudos aprofundados e uma infra-estrutura bem fundamentada para oferecer condições ideais. Porém, para ele, "hoje, analisando a situação de Frederico Westphalen não temos definidos itinerários nem infra-estrutura, como paradas e abrigos. Mesmo assim, sabemos da necessidade de implantarmos o transporte coletivo".

Para além disso, Giacomini revela: "estudos estão sendo realizados e iniciativas serão tomadas para que o transporte coletivo seja uma realidade e possa satisfazer os interesses dos cidadãos frederiquenses moradores dos bairros mais afastados do centro da cidade e que muitas vezes enfrentam dificuldades de se locomover".

Quem mora nesses bairros mais afastados sabe bem como são essas dificuldades locomoção às quais o secretário da administração de Frederico se refere. Quem precisa andar cerca de 20 minutos para chegar ao centro da cidade sente na pele a falta que um transpor-



"Pego carona porque além de agilizar a minha volta pra casa, diminui paradas em rodoviárias e tal, ainda me gera alguma economia". (Mauro Rohr)



FOTO GUSTAVO FARZIN

Quem não possui carro utiliza meios de transporte alternativos para se locomover

te coletivo faz no município.

É o caso da estudante Heloíse Santi, que mora no bairro Itapagé e reclama: "Nos bairros não tem farmácia, não tem mercado. Para tudo é preciso ir até o centro. Eu acho que em uma cidade do tamanho de Frederico o transporte público é quase imprescindível. Ainda mais com esses morros aí. Como a gente trabalha à noite, temos que andar sozinhas nas ruas e isso é perigoso. Nesse sentido o transporte coletivo poderia auxiliar", desabafou a estudante.

Outro problema das cidades pequenas e médias é a dificuldade no deslocamento intermunicipal. Isto porque os horários de ônibus são poucos, não há linhas diretas para várias cidades e as passagens são caras.

Isso acontece com quem precisa deslocar-se de Frederico Westphalen à Chapada. A distância entre as cidades é de cerca de 100 km e não há linha direta. É preciso pegar um ônibus de Frederico para Palmeira das Missões, esperar uma hora e meia na rodoviária de Palmeira e pegar o ônibus para Chapada. O custo das duas passagens fica em R\$ 18,50. Além disso, vale lembrar que este percurso só pode ser feito quatro vezes por semana. Só há ônibus para Chapada nas segun-

das, quartas, sextas e sábados.

Devido à falta de ônibus direto e ao custo das passagens, a alternativa encontrada pelo chapadense Mauro Rohr, 21, estudante de Agronomia, que reside em Frederico para estudar e precisa ir à Chapada visitar a família, foi pegar carona.

"Pego carona porque além de agilizar a minha volta pra casa, diminui paradas em rodoviárias e tal, ainda me gera alguma economia", comenta Mauro.

Já para a estudante de Jornalismo Gabriella Bellé, não há alternativa. Para visitar a família em Âmpere, no Paraná, a única opção é o transporte coletivo. Existe apenas uma empresa de ônibus que faz a linha Frederico/Âmpere e o custo da passagem é de R\$ 50,00. Dessa forma, a estudante se obriga a fazer um caminho alternativo: ir até Santo Antônio do Sudoeste e de lá seguir de carro até sua cidade destino.

"Eu acho caro R\$ 50, tanto que eu prefiro parar em outra cidade e meu pai ir me buscar, porque é como se 30 quilômetros custassem R\$ 25, enquanto os 220 quilômetros que eu fiz de Frederico até Santo Antônio do Sudoeste também custaram R\$ 25. Além disso, assim, eu chego lá às 6 da tarde e com

Enquete

Você acha que deveria haver transporte coletivo em Frederico? Por quê?

Eu acho que deveria ter. Porque é uma necessidade muito grande dos estudantes. Principalmente pro Cesnors, porque eu também já estudei lá no Colégio Agrícola, sei que é uma dificuldade muito grande. Também para os da cidade. O transporte é um incentivo ao estudo.
Luiz Henrique Menlak – 19.

Penso que seria bom. Porque a cidade já está grande, está se expandindo bastante. E tem bairros que são bastante distantes, eu acho que já estaria na hora de ter transporte coletivo.
Luiz Tressi – 46

Eu acho que sim. A cidade já comporta. Pelo tamanho, pelos bairros que ficam longe do centro. É necessário que já existisse.
Tânia Ribeiro – 36

Penso que sim, que deveria existir. Temos uma questão de ruas, talvez não comporte, pela questão do trânsito. Mas eu acho que seria bom para a sociedade num todo.
Marisa Komers – 30

Dever, deveria. Mas não ia ter movimento aqui. É pouca população para o transporte coletivo. E o pessoal não iria pagar!
Greice Jacomini - 19

o ônibus que vai direto, eu chego em casa às 2 da manhã. Por isso tudo, eu acabo indo pouco para casa", completa Gabriella.

Diante de histórias como estas, é indiscutível que um transporte coletivo de qualidade e acessível pode facilitar o deslocamento e a vida de muitos cidadãos frederiquenses. Cabe então, às autoridades dispor este serviço para a sua população, e assim promover e possibilitar a todos o direito de ir e vir.



Mairo Trentin Piovesan, 20 anos, estudante do sexto semestre de agronomia, é natural de Jaboticaba, RS

Heloise Santi e Josiane Canterle

hchsanti@yahoo.com.br
josipjfw@yahoo.com.br

Dois estudantes que se multiplicam nos rostos de muitos brasileiros e brasileiras que sonham com dias melhores. Um único objetivo: mudar o mundo!

Com dezessete anos, Charles Roberto Belmonte Mafra e Mairo Trentin Piovesan chegaram a Frederico Westphalen. O primeiro, vindo de Pirapó (RS), veio cursar Engenharia Florestal. O segundo, de Jaboticaba (RS), estudar Agronomia. Além de terem a mesma idade, ambos estudam no Cesnors/UFSM, vêm de famílias humildes e buscam, na universidade pública, a realização de um sonho.

Já cantava, sabiamente, Dinho Ouro Preto: "Dezessete anos e fugiu de casa/ Levou na bolsa umas mentiras pra contar/ Deixou pra trás os pais e namorado/ Um outro dia, um outro lugar". Talvez não tenham deixado para trás "o namorado", mas trazem no peito a vontade de revolucionar suas vidas para transformar a vida dos seus.

— Foi na confirmação de vaga. Eu estava tentando me enturmar e acabei encontrando o pessoal.

Foi assim que Charles encontrou seus primeiros companheiros de apartamento, de estudos e, porque não dizer, amigos: Alexandre, Fernando e Mauricio.

Diferentemente de Mairo, que foi morar com parentes.

— Primeiro eu morava com os meu tio e a família dele, depois ele acabou falecendo. Fiquei morando com a tia um tempo, antes de vir para o apartamento morar com os gurus.

Sair de casa significa novos relacionamentos, novas descobertas e muitas saudades. Ah! Quanta saudade do "cheiro de casa", da convivência com a família, da comida pronta, da roupa lavada, do descomprometimento, do dinheiro mais fácil vindo dos pais. São tantas mudanças...

— O que mais sinto falta é minha família. Amizades são importantes, mas com o tempo tu acabas perdendo aquele vínculo. Eu acho que as amizades que você faz aqui dentro da faculdade são amizades um pouco mais adultas e de repente mais duradouras também - argumenta Charles.

ras também - argumenta Charles.

E morar sozinho lá tem vantagem? Olha o que dizem os meninos: "as principais vantagens de morar sozinho são: liberdade. Tu conheces a mentalidade das outras pessoas. Tu vês que não é o único. Tu aprendes a lidar com todo mundo, aprende a aceitar outras opiniões, aprende a escutar mais". Esse é o Charles. Agora é a vez do Mairo: "Vantagem é a liberdade de não ter a regra seguida do pai e da mãe, mas tu tem um outro tipo de regra - que seria a desvantagem - que é a questão de que estou estudando, estou morando aqui, mas eu tenho os estudos que me regem, regulam. A vantagem é a liberdade, poder sair, voltar a hora que quiser, isso as pessoas que moram comigo não tem como controlar. Cada um é dono do seu espaço. Isso lá na casa de meus pais não tinha".

Pode ser que para muitos, sair de casa, morar sozinho(a) seja mais uma vontade incontornável de descobrir o mundo e suas possibilidades. Contudo, deixar o conforto da casa da família traz muitas consequências.

— Além da minha idade acho que o que mais mudou em mim foi ter crescido como pessoa me tornei um pouco mais adulto. Acho

Vou morar

Primeira etapa: chegar a uma universidade. E não
Feito o vestibular, confirmada a vaga, bate aquele frio

“ Vantagem é a liberdade de não ter a regra seguida do pai e da mãe, mas tu tem um outro tipo de regra, que seria a desvantagem.

Mairo Piovesan



FOTO GUSTAVO FAREZIN

Charles Rodrigo Belmonte Mafra, 20 anos, estudante do sexto semestre de engenharia florestal, é natural de Pirapó, RS

sozinho!

é qualquer uma, tem que ser federal.
na barriga... Manhê! Vou morar sozinho!

que hoje meus pensamentos são mais centrados visualizam um único ponto - garante Charles.

Para Mairo, a mudança foi maior: "o que mudou em mim? Tudo! O conhecimento muda as pessoas, muda mesmo. Se aprende a saber o que está fazendo e se perguntar por que está fazendo aquilo, e apesar da liberdade que se tem é preciso saber usar. Eu poderia tá indo lá na praça fumar maconha se eu quisesse, que o pai nem ia ficar sabendo".

Mas a mudança de casa não despertou só o intelecto adormecido:

— Aprendi a fazer comida sozinho, comprar ela. Na cidade tem essa diferença. Na casa do pai, grande parte a gente produzia, aqui tem de comprar. Hoje quem tem de comprar as roupas sou eu, antes não, a mãe comprava. Hoje, se eu sujar, eu vou lavar. Me tornei um cumpridor de horários e administrador do meu dinheiro - conta Mairo.

Nenhum aprendizado acontece sem dificuldades. Quando Charles chegou em Frederico, logo foi à procura de emprego, pois a família não tem como sustentá-lo sozinho. "Aqui, primeiro eu trabalhei de garçom. Trabalhei um bom tempo. Es-

tava precisando, passava por dificuldades financeiras. Eu gostava, além de ser um complemento na minha comida, pois sempre sobrava alguma coisa das festas".

A realidade financeira da família de Mairo não é muito diferente. Sobrevivendo da pequena propriedade rural e com uma família numerosa, o estudante chegou a pensar em desistir:

— Teve semestre aí que os colegas me bancaram, no tempo que não tinha o auxílio alimentação. Eu pensei em desistir mesmo, e olha, "andei ali". As dificuldades pareciam aumentar, o conteúdo do curso ia dificultando e as dificuldades financeiras aumentando. Já pensei em desistir sim, e graças a Deus, aos meus colegas e a minha família que não me deixaram fazer isso, se não eu tinha ido embora.

Mais segurança teve Charles, apesar de di-

ficuldades econômicas e incompreensão de algumas pessoas:

— Nunca pensei em desistir, apesar das dificuldades financeiras, a vontade de seguir em frente e alcançar os meus objetivos é mais forte que os percalços do caminho.

Hoje, os dois acadêmicos se mantêm com bolsas de estudo do CNPq.

— Se não fossem elas, não estaria aqui. Com certeza. Até porque não tenho mais tempo, os horários para o trabalho não batem com os de estudos. Provavelmente, se eu começar a trabalhar, vou ter um déficit nos estudos, no rendimento na faculdade - diz Charles.

— Graças à minha bolsa, tô me mantendo.

Sem ela, não estaria fazendo faculdade. Ela traz, além das vantagens financeiras, o conhecimento - afirma Mairo.

Com quase 3 anos fora de casa, o mundo de cada um já é bem diferente. Hoje, eles moram sozinhos.

— Hoje me sinto uma pessoa não totalmente realizada, mas estou seguindo o caminho, na busca do que eu queria e ainda quero - argumenta

Charles - na parte material, hoje eu tenho um armário e uma cama (risos). É engraçado, mas sei que estou correndo atrás, ainda muito longe de alcançar aquilo que eu quero. Um pequeno caminho acho que e já trilhei. Acredito que estou no caminho certo.

“ Hoje me sinto uma pessoa não totalmente realizada, mas estou seguindo o caminho, na busca do que eu queria e ainda quero.”

Charles Mafra

E numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo...

Crianças aprendem técnicas de pintura em tela

FOTO ANGELO LORINI



Gustavo Menegusso e Roscéli Kochhann

gmenegusso@yahoo.com
rosceli.ko@gmail.com

Existem várias maneiras de adquirir o conhecimento. Em casa, na escola, no trabalho e até mesmo num bar lendo um jornal aprendemos muitas coisas sobre educação, ciência, política, economia, entre tantos outros assuntos. No entanto, é no espaço escolar que o ser humano encontra o suporte para aprimorar as suas habilidades de saber ler, escrever, se expressar, desenhar, pintar. Enfim, de se relacionar com as pessoas e o mundo ao seu redor. Com o propósito de desenvolver essas habilidades por meio da arte, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, de Frederico Westphalen, há 20 anos oferece aos seus alunos um projeto de pintura em tela.

Mais que oferecer um espaço para a arte, que muitas vezes é esquecida ou banalizada pela nossa sociedade capitalista, o projeto "Pintura em Tela" é um complemento para a formação integral do aluno.

- A função social da escola é educar a partir da realidade para que o aluno possa se inserir no meio em que vive. A arte, assim como a cultura e a dança fazem parte dessa formação - declara a coordenadora pedagógica da escola Iloni Marangon Dourado.

Todas às quintas-feiras à tarde, 4 adolescentes, de 11 anos de idade cada uma,



FOTO ANGELO LORINI

Alegria depois do trabalho pronto

se reúnem na escola Auxiliadora com um objetivo em comum: aprender a pintar, mas não uma pintura de desenho que a professora da primeirinha dá para os seus aluninhos, estamos falando de pintura de gente grande, ou seja, obras de arte. Num ambiente todo colorido como um arco-íris, decorado de anjos e flores, com prateleiras enormes e cheias de

livros, tintas, pincéis, quadros e tudo o que uma sala de pintura tiver direito, essas meninas dão asas a imaginação e se esforçam para fazer o melhor trabalho possível.

Sob o olhar atento da professora de Artes Plásticas Filomena Sroczynski, a Irmã Filó, as aulas são intercaladas entre a teoria e a prática. Primeiro é preciso saber como pintar para depois sim abusar do pincel.

- No começo é um pouco difícil, pois a arte exige tempo e dedicação. Toda arte tem uma base assim como um edifício, a matemática e só se aprende, praticando - coloca a professora.

Um pingo de tinta aqui, uma pincelada lá. Na hora do batente não dá pra se distrair. Concentradas em suas pinturas, as alunas nem olham para os lados. Parece que a arte as faz viajar pelo mundo da imaginação e faz mesmo, as suas obras são reveladoras disso. Aos poucos, o que era apenas um quadro branco dá lugar a uma paisagem deslumbrante de uma natureza belíssima cujo apreço foi esquecido pelo homem, ou, a um mundo abstrato, existente somente no pensamento fértil de cada criança.

A estudante Amanda Bertoletti, de 11 anos, participa do projeto há dois anos e adora fazer pinturas abstratas. Para ela a arte é como um hobby: "Não vou ser pintora, mas gosto de pintar para relaxar, me divertir".

“ A arte exerce em nós um fascínio que não sabemos explicar, a não ser pela forma, cor e coração.

Filomena Sroczyński



FOTO ANGELO LORINI

Concentração para cuidar dos detalhes



O que é o Pintura em Tela?

É um projeto de Artes da Escola Nossa Senhora Auxiliadora que oferece oficinas de pintura em tela.

Onde ele acontece?

As oficinas são realizadas na Sala de Artes do Colégio.

Quando?

Todas as quintas-feiras das 14hs30min às 16hs30min.

Quem pode participar?

Estudantes do Ensino Fundamental e Médio que estão matriculados na escola e também alunos de outros colégios que estiverem interessados.

Qual o valor?

Cada participante contribui com uma taxa de R\$5,00 por semana para ajudar na manutenção dos materiais escolares.

Artistas e obras

Integrantes do projeto mostram suas telas



Amanda Bertoletti
11 anos



Fernanda de Marco
11 anos



Eduarda Olenchak Castelli
11 anos



Poliana Tais Silveira
11 anos

FOTOS: ANGELO LORINI

Cidadão de três pátrias

Itália, Brasil e Argentina: a trajetória de Roberto Fortini, um eterno guerrilheiro



ARTE: ANDRÉ TORRES SOBRE FOTO DE EDUARDO SODRÁ

Nilson Luiz Rosa Lopes

nilson@pennasat.com.br

Roberto Fortini era apenas uma criança quando veio com os pais, em 1949, para o Brasil. Mas lembra claramente, ainda que com o filtro dos treze anos, os horrores que a pacata comuna de Sarcedo, no remoto interior da região de Vêneto, na Itália, enfrentou com a destruição provocada pela segunda guerra mundial. Mais do que isso, guarda com precioso cuidado os efeitos negativos do fascismo e do nazismo na vida, na cultura e, principalmente, na alma do povo. Vem daí a sua inabalável fé na democracia e nos princípios socialistas da esquerda. Por isso, era apenas natural a sua adesão aos movimentos sociais que combateram a ditadura durante os anos de chumbo, que começaram no Brasil em 1964.

Com o advento do AI-5, em 1968, ainda em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, aderiu à Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), grupo guerrilheiro de extrema esquerda liderado por Carlos Lamarca, e caiu na clandestinidade. E aí, passou a enfrentar os sacrifícios exigidos para pavimentar a busca do sonho. Não havia outro jeito. A eterna busca por um futuro melhor, afinal, teria mesmo que passar pela luta armada. Ele nunca vacilou. Nem quando teve que esconder da companheira recém seduzida na pequena cidade de Coronel Bicaco, no noroeste gaúcho, a verdadeira operação por trás da aparentemente inocente loja de pescados na vizinha Três Passos. Com a desculpa de abastecer a clientela, eles passavam os dias em atividades de treinamento militar junto aos rios e reservas da região.

Nadia, a bela e ingênua companheira, semi-alfabetizada, então com tenos dezessete anos, nem poderia imaginar o que mais poderia haver por trás daquela mágica realidade.

De origem humilde, ela havia passado por uma infância extremamente difícil. E agora, repentinamente, sua vida parecia ter tomado um rumo de

conto de fadas. Afinal, um italiano alto, olhos azuis, dinâmico e sedutor, lhe oferecia uma ampla casa mobiliada, se mostrava apaixonado e ainda lhe oferecia uma profissão: afinal, era ela quem tinha que tomar conta da empresa de pescados. E a loja ia bem: entre a crescente clientela fulguravam algumas estrelas do firmamento militar do quartel local. Para estes, sempre havia alguns exemplares de brinde, seguindo a cartilha habitual do comércio que papirava as onipotentes autoridades militares da época.



FOTO ELIANA DE SOUZA

Roberto & Nadia na hora do mate. Uma história de amor e lealdade marcada pela guerrilha

E assim a vida seguia para o recém formado casal: enquanto Nadia se esforçava para encantar a distinta clientela frente ao balcão da loja, Roberto se esfalfava nas florestas e rios da região, sempre em contato com os companheiros e seguindo uma rígida agenda que os preparava e orientava sobre a iminente revolução que certamente adviria. Tudo ia bem até que, um dia, a casa caiu. Primeiro na cabeça da Nadia, é claro. Numa modorrenta tarde de sol claro, sem nuvens, no verão de 1970, Nadia se surpreendeu com a inesperada chegada de um comboio de viaturas militares, liderada por um de seus maiores clientes, da brigada militar local.

E assim então, sem qualquer tipo de aviso prévio, ela mergulhou num universo que jamais imaginara existir. Como se tivesse caído na toca de Alice, ela se viu imersa numa realidade que parecia não fazer sentido. Confinada no quartel local da Brigada Militar, ela foi, lentamente e, é claro, sem sutilezas, violentamente informada das verdadeiras atividades do companheiro. A

essas alturas, Roberto já estava também desfrutando da indesejável hospitalidade dos brigadianos. Nadia lembra, ainda hoje com arrepios, o inferno de gritos, urros e terror absoluto em que submergiu naquela noite.

A partir de então, o casal se separou. Mas apenas fisicamente. Roberto foi levado à Ilha do Presídio em Porto Alegre. Assim que soube de seu paradeiro, Nadia "largou tudo e foi atrás". Em boa hora. Roberto já partia para outras paragens. Integrante do grupo de 70 guerrilheiros negociado pelo embaixador suíço

sequestrado em setembro de 1970, ele seguiu para Santiago do Chile. Ela, já utilizando o cognome Sonia, alguns meses depois, seguiu para Roma, Itália, onde acabaram se encontrando.

Depois, disso, se sucederam, para o casal, estadias em Paris, Argel, Roma, Buenos Aires, e inúmeras outras grandes e pequenas cidades mundo afora. E é exatamente aí que aflora o grande ensinamento do velho guerrilheiro. Morando há mais de trinta anos em 38 belíssimos hectares, no interior da pequena Aristobolo Del Valle, na província de Misiones, Argentina, o casal demonstra ter aprendido a lição que não se cansa de repetir: o melhor da vida está em viver com a medida exata da sua necessidade. Nem mais, nem menos. Apenas o suficiente. A casa simples, sem luxos, ilustra o conselho. Os olhos claros de Roberto fulguram com vigor quando é convidado a deixar uma mensagem às novas gerações. O tom de voz se altera e o carregado sotaque cosmopolita passeia incerto em uma mistura harmoniosa de português, italiano e espanhol.

O entusiasmo do eterno guerrilheiro está de volta. Segundo ele, a luta não acabou. Hoje, apenas mudaram as armas, mas os objetivos permanecem: viver com liberdade, com qualidade e, principalmente, tendo consciência de nosso papel no mundo. Sem consumismo. Sem exageros. A vida integrada ao meio. Como prova, ele apresenta um fato: do espaço disponível na propriedade em que mora, apenas cinco por cento é ocupado para a produção. O resto é pura mata nativa. O verde se multiplica em tonalidades infinitas e nele se encontra a mais profunda das muitas lições vividas, apreendidas e cuidadosamente retransmitidas por Roberto: a natureza nos ensina que só se pode viver em equilíbrio. Sem ganância, sem abusos e, principalmente, sem os excessos do capitalismo desenfreado.

“ A natureza nos ensina que só se pode viver em equilíbrio. Sem ganância, sem abusos e sem excessos.”

Roberto Fortini

O Punk não morreu

Caminhe pela cultura punk da Osvaldo Aranha, na Porto Alegre dos anos 80

Priscila Devens e Morgana Fischer

pridevens@gmail.com

morgana.fischer@hotmail.com

Enquanto meus coturnos fazem barulho nas calçadas da Avenida Osvaldo Aranha, no bairro portoalegrense do Bom Fim, vou caminhando e percebendo detalhes dos anos 80, conhecidos como a década perdida devido às crises econômicas vividas na decadência da ditadura. Estou na esquina de uma rua cercada por bares de diversos públicos e me encontro também no início da década de 80, período marcado pelo fim da repressão e princípio de vários movimentos de rebeldia, entre eles a cultura punk.

Meu cabelo moicano, roupa rasgada repleta de correntes e joaninhas, para muitos representam meu lado mau. Mas a diferença é que não somos maus, apenas queremos que os outros nos vejam como maus. Algumas quadras adiante, encontro adolescentes na frente do bar Ocidente bebendo leite com suco de limão. O objetivo é provocar o vômito. Outra coisa que adoramos fazer é queimar jornais e ficar olhando o fogo crepitar em uma mancha cuspidada de vermelho vivo. Assim vive um punk.

Este nosso estilo de vida nasceu de três vertentes, vindas de três países diferentes. Surgiu por meados de 1975 como uma manifestação cultural juvenil. Nos EUA, o punk é caracterizado pelo niilismo, sem envolvimento ideológico e partidário, com muitos aspectos da própria cultura americana. Na Alemanha, o punk é de extrema direita e, na Inglaterra, marcado pelo anarquismo esquerdista. Mas existem todos os tipos de punks misturados em todos os lugares.

Ao longe, ouço um som de poucos acordes, rasgando as esquinas, que vem da Rua Tomaz Flores. Esse som vem diretamente da "fortaleza" dos Replicantes, ou simplesmente "bunker", como José Antônio Meira da Rocha prefere chamar. Meira, que diz ter um estilo diferente dos demais punks, usando roupas do tipo militar, no futuro será professor do curso de Jornalismo do Cesnors, e vive e convive com essa cultura punk. "Minha irmã começou a andar com uns punks e eu comecei também", disse. Bunker é o prédio onde Os Replicantes, conhecida banda punk de Porto Alegre, ensaiam, moram e tem a produtora de vídeo Vortex. Misturado ao som dos Replicantes, ouço também um som Krishna, que vem equilibrando meus pensamentos, me levando pra longe daqui.

Ao lado do bunker existe um templo de Hare Krishna e pelas ruas



Volante de um histórico show no Bom Fim, reduto punk na Porto Alegre dos anos 1980

essas duas melodias vão valsando aos ouvidos dos mais atentos.

Segundo Meira, Os Replicantes injetaram um pouco de profissionalismo no pessoal dessa época. Pois o comum do punk rock são pessoas que não sabem tocar nenhum instrumento, mas os compram mesmo assim, formando a banda. Meira conta uma história, segundo ele antológica, de quando Eron Heinz comprou seu baixo, ele nem sabia que tinha quatro cordas. Meira conhece muito de perto toda essa galera. A irmã dele chegou a namorar o Cláudio Heinz, guitarra. "O Eron, baixo, foi o primeiro que me ensinou informática; a primeira vez que comprei um computador tive lições com ele", falará muitos anos depois.

Alguns passos, e me esbarro em outro punk. Fones de ouvidos, no velho walkman toca um De Falla. Lembro-me da capa do LP deles produzida por Meira. "Uma capa tridimensional. Até hoje tem gente vesga tentando enxergar a capa em 3 dimensões" (risos), relembrou.

Enquanto pessoas jogam-se das janelas do Ocidente por diversão, decido seguir meu caminho e chego à metade dos anos 80, mais precisamente em 1985. Fico sabendo de um festival de rock que irá acontecer no Colégio La Salle Santo Antônio. Rock Tonho é o nome. O organizador do evento: Luciano Miranda, 15 anos. Garoto muito envolvido na cultura punk, relacionado mais com o lado político e ideológico do movimento. "O rock é só um resultado da cultura, talvez um dos resultados mais secundários, porque existe um aspecto muito maior", comentou Miranda. Luciano Miranda será professor de Jornalismo do Cesnors e nos anos 80 utilizava os meios de comunicação para expor as suas opiniões a respeito do sistema.

Em uma esquina da Osvaldo Aranha, avisto páginas de um jornal que o vento acertou em cheio num vôo rasante. "O Sombra" é o nome. Jornal produzido por Miranda como forma de manifestar a negação aos sistemas tradicionais de representação. Enquanto o Brasil vive um período de redemocratização, para a juventude da época o sistema não representava alternativa alguma para uma transição democrática. Isso caracterizou o punk da metade dos anos 80, jovens politizados e anarquistas.

Ao longe, ouço um som estranho, vários pares de sapatos fazendo tamborilar o chão em uma marcha compassada. Com um susto avisto duas massas de pessoas, uma em direção à outra. De um lado punks anarquistas, de outro, metaleiros de direita. A batalha campal estava começando. Sacos, facas, gritos. "Quando aconteciam essas batalhas, existia sim a simples aversão de grupo, mas tinha a coisa ideológica também" lembrou Miranda.

Miranda gosta muito da música punk rock, mas da boa música, como fala ele. "O que me seduz nas músicas é a atitude política, anarquista, que se percebe nas letras" comentou. Mas a moda, o verniz do punk, segundo Miranda são características de fachada. Ele conta a história da mulher de Malcom McLaren, produtor da banda precursora do punk rock no mundo, Sex Pistols, que ao perceber

uma grande forma de ganhar dinheiro com a cultura eloqüente que surgia, criou a fashion punk. Um visual punk a ser explorado. "Tem que ver o que é genuinamente punk e o que é criado", criticou.

Os bares vão fechando, eu sigo andando mais uns passos e os anos 80 estão acabando. As gerações vão crescendo, os anos 90 batendo a porta, novas bandas surgindo, como a The Mullets, com Luis Fernando Rabello Borges na guitarra base. Luís veio de Canoas para estudar, e também passou a freqüentar a Osvaldo Aranha. Ele também seguirá um rumo no futuro: será professor de Jornalismo do Cesnors.

A rua em que caminho já não é mais a mesma. Os bares onde os punks se encontravam, na maioria, não existem mais. Não se lê mais O Sombra e nem se vê punk bebendo leite com limão. Mas às vezes, se fecho meus olhos bem apertados, consigo ouvir Wander Wildner entoando "Sábado todo, eu chorei de mûgoa; Minha garota foi pra Manágua".

Na Osvaldo Aranha de Luis, ainda existem shows de bandas punks. "Bandas amadoras, que não chegaram a lançar disco. Banda de garagem, mais pra fazer barulho no fim de semana", lembrou.

Luis partiu para a área acadêmica, porque segundo ele, a vida ia complicada, pelas arruaças e brigas. "Comecei a estudar para me distrair dessa anarquia, me civilizar", falou.

A palavra liberdade na época não era facilmente entendida pelos punks. Se vivia uma rebeldia adolescente. A cultura punk fez sucesso porque veio ao encontro do jovem reprimido, que se vestia de preto.

"Hoje em dia o cara deprimido vira 'emo'" (risos), comentou Meira.

Atualmente a rebeldia já não é tão comum. Hoje os jovens, quando querem se mobilizar usam a Internet, um canal de comunicação mais barato e de maior repercussão. "Agora, se pode usar as ferramentas do sistema para fazer o seu próprio sistema", argumentou Meira. Mas olho para trás e vejo que a Osvaldo Aranha continua lá, porém não com a mesma essência. É apenas mais uma rua comum. Mas o punk, esse sim, continua vivo nas lembranças de três professores de Jornalismo do Cesnors, que passaram por "Osvaldo Aranhas" diferentes, mas que viveram o movimento punk com a mesma intensidade.

Meira, autor da capa do primeiro LP do DeFalla, mostra como ver a arte em três dimensões



Água tratada escorre pelo ralo

40% da água tratada se perde antes de chegar ao consumidor

Roselaine Caratti

laineacaratti@yahoo.com.br

Atualmente, há uma grande preocupação com o abastecimento de água para a população em geral. Em função do crescimento demográfico significativo e conseqüentemente de uma demanda maior de água potável, surge a preocupação com as perdas do líquido, que geralmente acontecem nos sistemas de abastecimento por meio de vazamentos, nas estações de tratamento, nos reservatórios e redes de distribuição, em ligações domiciliares, nas instalações hidráulicas dos imóveis. Essas perdas, juntamente com a não-utilização de maneira racional, representam um volume significativo de água que é desperdiçada diariamente. Resultado: um enorme percentual de água tratada que acaba se perdendo, sem atingir o seu objetivo, que é o consumo humano.

Esta também é uma preocupação da CORSAN, mais especificamente de uma de suas unidades, situada em Palmitinho - RS, e que abastece também os municípios de Taquaruçu do Sul, Vista Alegre e Pinheirinho do Vale. O percentual de água tratada que é desperdiçada todos os dias por vazamentos, infiltrações e até mesmo redes clandestinas, (desvios feitos na rede de água) é preocupante. Segundo dados não oficiais, obtidos durante a reportagem por fontes que não querem ser identificadas, cerca de 55% da água tratada estava se perdendo antes de chegar na casa dos consumidores. Esse número já chegou a atingir a marca de 60% em 2008.

Trabalhos recentemente realizados pela empresa mostram que esse percentual foi reduzido a uma margem de 40% de perda, o que é considerado relativamente normal.

O consumo diário dos quatro municípios abastecidos pela CORSAN, que antes era de 1.800.000 m³ de água, diminuiu para 1.400.000 m³, depois de encontrados alguns dos vazamentos.

O comerciante Rodrigo Albarello, residente no Bairro Santa Terezinha, município de Palmitinho, diz que várias vezes já entrou em contato com os serviços da empresa, por motivos de falta de água, devido a vazamentos ou canos entupidos. Acredito que, em decorrência da estiagem que a região enfrentou, ficou mais fácil detectar os vazamentos. Quando eram encontrados vestígios de água – umidade e outros indícios de que poderia haver vazamen-



FOTO ROSELAINE CARATTI

Rodrigo Albarello fala sobre a importância de economizar água

tos – os funcionários da CORSAN eram avisados. Ele afirma também que, assim que acionada, a equipe iniciava os trabalhos a fim de detectar o problema. Algumas vezes, não era resolvido na hora, por falta de disponibilização de máquinas pela prefeitura, diz o comerciante.

O operador de máquinas Lucenir Negrine, funcionário da prefeitura, relata que, às vezes em que os pedidos não são imediatamente atendidos, é por falta de estrutura, maquinários estragados ou realizando trabalhos em locais distantes, tendo em vista que a prefeitura local conta com somente duas máquinas para realizar esses tipos de trabalhos.

A água que vem do Rio Guarita até a estação de tratamento da CORSAN, na Linha Piaia, passa por um processo de limpeza e descon-

taminação através de produtos químicos, tendo como base o sulfato de alumínio, cloro e o flúor. Cerca de 40 coletas por mês são feitas nos municípios atendidos pela CORSAN, onde são retiradas amostras de água na casa dos consumidores e levados para o laboratório para fazer análise e verificar a qualidade da água.

Para ajudar no controle do consumo e distribuição da água, foram instalados cerca de seis hidrômetros colocados em pontos estratégicos da cidade, onde todos os dias é feita a leitura dos relógios, e se percentual de água aumentar em uma quantia significativa, de um dia para o outro, fica mais fácil encontrar os vazamentos, pois cada hidrômetro corresponde a uma determinada linha de abastecimento.

Boa caminhada

Frederico Westphalen quer proporcionar um lugar de lazer e tranquilidade



FOTO THAIS GARCIA

Máquinas trabalhando nas obras da Maurício Cardoso

Thais Garcia

thais_garcia@hotmail.com

Calçadas desniveladas, ruas esburacadas, trânsito, falta de iluminação e segurança são algumas das dificuldades que frederiquenses encontram, hoje, na hora de praticar exercícios físicos ao ar livre. Longe das academias, muitas pessoas procuram encontrar as melhores “rotas” para praticar as atividades. É uma legião de caminhantes que, nos fins das tardes, ganham as ruas da cidade fazendo perigosos malabarismos entre os carros, as pessoas, os postes e as calçadas esburacadas.

Carlos e Cleuza Trombeta saem todos os dias com sua cadelinha Keiti para se exercitarem. Eles caminham durante uma hora ou mais, escolhendo percursos mais planos para a cadelinha. “É ruim por causa das calçadas, e também as árvores baixas e mal podadas” explica Carlos.

Porém, parece que até o final deste ano esta situação já terá outra “cara”. A prefeitura municipal de Frederico Westphalen estaria implantando, na Avenida Maurício Cardoso, um local específico para exercícios físicos. A avenida, que cruza por quase toda a cidade, ganharia um trecho estruturado para proporcionar a prática da caminhada e corrida para as pessoas que buscam uma vida mais saudável e um corpo em forma.

“Adorei essa idéia!”, diz Cleuza. “É bom porque seria menos perigoso, e as calçadas seri-

am mais planas. O quanto antes isso sair, melhor! A cidade está precisando”. Carlos ainda acrescenta: “Daria mais segurança e tranquilidade pra gente andar, e estimularia as pessoas a fazerem exercícios”.

O “caminhódromo” ganharia uma extensão de mais de dois mil metros. Ele iniciaria no cruzamento entre as ruas Maurício Cardoso e 15 de Novembro, seguindo até a BR 386.

Segundo o Vice-Prefeito Luiz Carlos de Oliveira, a Maurício Cardoso já precisava de obras de pavimentação asfáltica para facilitar a entrada dos veículos na cidade, diminuindo o tráfego pela entrada principal. Aproveitando essas obras, foi idealizado algo maior, como o “caminhódromo”. “Frederico não é mais cidade

pequena, temos que pensar grande, como Frederico merece”, argumenta o Vice-Prefeito.

Nilva Albarelo caminha durante uma hora, diariamente. Acredita que atividade física é primordial à saúde, mas reclama dos buracos e desniveis das calçadas e ruas. Diz que sempre procura os melhores lugares para a sua caminhada e gostaria de um local com mais infra-estrutura e segurança para andar tranquila.

O mesmo problema enfrenta o casal Dirceu e Maria Liduina de Medeiros. Eles saem todos os dias de sua casa, em frente ao supermercado Barril, e seguem o trajeto para a universidade da URI descendo para a Avenida Maurício Cardoso e voltando pelo Centro até sua casa. “As calçadas estão em péssimas condições, e cheias de buracos e sujeiras” reclama o casal. “Com o ‘caminhódromo’ melhoraria a qualidade de vida do pessoal e seria um local com mais segurança e lazer, a idéia é ótima”.

As pessoas como Carlos, Cleuza, Nilva, Dirceu e Maria Liduina, que praticavam exercícios físicos pelos “sobe e desce” das ruas da cidade, agora contarão com boas condições para essas práticas. A avenida terá boa iluminação, academias ao ar livre e pavimentação estruturada para garantir a boa circulação dos pedestres. “Pretende-se um local bonito e agradável para as pessoas transitarem. Não se tem onde caminhar em Frederico e será um ponto de lazer para a população”, acrescenta o Vice-Prefeito.



FOTO THAIS GARCIA

Carlos e Cleuza Trombeta saem todos os dias com sua cadelinha Keiti para se exercitarem

A sombra da Hora do Planeta

O movimento que vem tomando força pela terceira vez fez o mundo protestar durante 60 minutos contra a degradação ambiental.

Duane Löblein

duaneloblein@hotmail.com

O Brasil participou do movimento pela primeira vez em 2009 e festejou a escuridão à moda brasileira. Em Brasília, as luzes do Palácio do Planalto e da Esplanada dos Ministérios foram desligadas ao som de uma orquestra. Em Manaus, aconteceu uma apresentação do Boi Bumbá e até o Cristo Redentor deixou de iluminar o Rio de Janeiro para conscientizar a população dos problemas ambientais. Foi assim, do jeitinho brasileiro, que 113 cidades, além de 1500 organizações e empresas dos quatro cantos do país fizeram da escuridão um espetáculo.

O Movimento Hora do Planeta aconteceu pela primeira vez em 2007, em Sidney, por meio de uma iniciativa da World Wildlife Fund (WWF) - Austrália. No ano seguinte, 371 cidades de 35 países aderiram ao movimento e apagaram seus interruptores por uma hora, totalizando mais de 50 milhões de pessoas às escuras pela natureza. A Earth Hour superou as expectativas e, no dia 28 de março, cidades de 88 países uniram-se pela causa e desligaram suas luzes por 60 minutos. Para a organização responsável pela realização do evento, a WWF, apagar as luzes é uma maneira simbólica e emblemática de manifestar a preocupação com o aquecimento do planeta.

Desligar as lâmpadas pode parecer simples demais, mas é o início de uma mobilização para preservar o que ainda resta da nossa biodiversidade. Segundo a organização do movimento, no Brasil o ato de apagar as luzes não tem relação com economia de energia, que tem como principal fonte a produção proveniente de usinas hidrelétricas, diferentemente de outros países participantes da Hora do Planeta, que produzem energia elétrica a partir de combustíveis fósseis como carvão, gás e diesel. Aqui, a intenção é demonstrar o quanto a população valoriza nossas florestas em pé, a sua preservação e uso sustentável e o combate ao aquecimento global.

Em todo o mundo as manifestações foram 'visíveis'. Cada país apagou alguns de seus principais monumentos num apelo a suas lideranças para que proponham ações decisivas de enfrentamento às mudanças climáticas no âmbito mundial.

Em Tenente Portela, o estudante Mauricio



Apagar a luz durante uma hora pode ser insignificante em uma casa, mas não para o mundo

Castro fez a sua parte e desligou as luzes da sua residência por uma hora. E sentiu a diferença de uma vida às escuras: "foi como se estivesse sem luz na minha casa, fiquei meio

perdido como sempre, quando termina a luz."

O ato simbólico obteve sucesso e mais uma vez superou as expectativas - a WWF esperava que cerca de 1000 cidades aderissem à Hora do Planeta. Mas o verdadeiro resultado do grito de alerta não são números e sim pensamentos, reflexões.

A Hora do Planeta se propaga e a população começa a repensar suas atitudes. "Me fez refletir sobre os problemas que temos suportado nestes últimos anos, como o aquecimento global, seus reflexos na minha região, como a seca, ou ainda as enchentes trágicas ocorridas em outros lugares, e a responsabilidade do ser humano como um todo," diz André Damo, morador de Frederico Westphalen que aderiu ao Movimento. Para ele, A Hora do Planeta é importante porque mostra que o dever de cuidar do nosso planeta é um dever de todos, e não apenas de alguns.

E você, já pensou em apagar suas luzes e acender velas pelas matas e rios devastados?

Dicas

Tome banhos rápidos - um banho de ducha de 15 minutos gasta 135 litros de água.

Ao lavar a louça, primeiro limpe os restos de comida. Só aí abra a torneira para molhá-los.

Economize, porque, para beber um copo de água, são necessários pelo menos outros dois copos de água potável para lavá-lo.

Adote a boa e velha vassoura para limpar a calçada e o pátio da sua casa.



FOTO DE GUSTAVO FARENZIN

Saia do turbilhão do cotidiano através de exercícios meditativos

Deyse Calegari

deyse.jornalismo@gmail.com

Nas sociedades do mundo globalizado, as rotinas produtivas se desenvolvem com muita rapidez, exigindo de seus trabalhadores velocidade, qualificação e visão empreendedora, o que gera uma pressão para realizar muitas coisas aos mesmo tempo. Ufa!

O cotidiano das pessoas fica sobrecarregado com muitos afazeres, o que leva muitas pessoas a sofrerem de estresse e depressão. Hoje, o caos não é problema só das grandes cidades. Cidades pequenas também são afetadas com o trânsito caótico, barulho excessivo, trabalho exaustivo, pouco tempo para dormir e comer. O caos. Assim, as pessoas perdem em qualidade de vida e, eventualmente, ficam doentes com maior frequência.

Para muitas pessoas que não podem ausentar-se do meio urbano, a opção para relaxar é procurar atividades diferenciadas, como praticar yoga. Para Catia Giacomini, coordenadora administrativa, a yoga foi a escolhida. "Pratico yoga a um ano, noto diferença de concentração e no meu corpo, sinto falta quando não venho as aulas, e percebo que fico mais estressada durante a semana. Principalmente venci meus limites, e percebi

que o que você quer, você consegue", afirma Giacomini.

A yoga é uma filosofia de vida, que busca equilibrar o corpo e a mente. É através da meditação, exercícios respiratórios e movimentos corporais que as energias são liberadas. Segundo Janete Marcon, instrutora de yoga, "a yoga trabalha a consciência, é a busca do autoconhecimento, e quando você conhece os

métodos começa a desligar-se do mundo externo". Assim "você centraliza-se, e a energia flui", conclui Marcon.

Além dos benefícios de relaxamento e concentração, a yoga ajuda a manter o corpo tonificado. É um método muito procurado pelas pessoas que não gostam de passar horas na academia, de forma leve você pode exercitar o corpo e a mente.



FOTO GUSTAVO FARENZIN

Yoga: uma filosofia de vida para equilibrar corpo e mente

Proteja seus olhos

Eles são fundamentais para encher o seu futuro

Eledinéa Luza e Franciele Vitali

lediluza@hotmail.com
francielevitali@hotmail.com

Os óculos de sol são acessórios de uso contínuo pela maioria das pessoas. Além de personalizar os looks, ajudam na proteção contra os raios ultravioleta (UVA e UVB) que prejudicam a saúde dos olhos.

Segundo o oftalmologista Dr. Mauri Niederauer, "os óculos de sol são essenciais para a proteção dos olhos, mas precisam ser comprados em lugares adequados para ter a total garantia da qualidade das lentes". Não é indicado usar óculos que não possuem fator de proteção ultra violeta, pois acabam prejudicando ainda mais a íris do olho, completa o médico.

Óculos de sol fazem com que a pupila dilate e entrem mais raios solares na íris. UVA e UVB são raios nocivos ao cristalino e a própria córnea do olho. Por esse motivo toda vez que você usar óculos de sol tem que ter proteção UVA e UVB. Segundo Dr. Mauri, se você usar óculos sem essa proteção é pior do que estar sem. Hoje em dia, quase que 99% das lentes de grau, que são transparentes, tem proteção

UVA e UVB, a proteção não se dá pela cor das lentes e sim pelo tratamento. A tecnologia está tão avançada que até existem lentes fotocromáticas, que mudam adequadamente quando entram em contato com a luz, usadas para diminuir a fotofobia.

O estudante Diego de Oliveira, 24 anos, considera que o uso de óculos de sol é essencial para o seu dia-dia: "já se tornou um hábito, não só pela estética, mas principalmente pela proteção dos olhos contra os raios ultravioleta".

A grande maioria da população compra em lojas não-especializadas devido ao baixo preço, já que, geralmente, óculos de sol com qualidade custam caro.

Eliu Pereto, autônomo, 26anos, diz que costuma usar os óculos o dia todo e compra tanto em camelôs quanto em ópticas, levando em conta, além de modelos que o agradem, a qualidade que é essencial para ele. "É preciso ter o fator de proteção UVB e UVA, pois o que é prejudicial dos óculos de camelô é quando a lente é de plástico. Porém, é possível encontrar óculos bons que não prejudicam a visão sem serem em ópticas e com valores mais acessíveis.

O tamanho dos óculos influencia

Se você pegar um óculos pequeno demais ele vai deixar penetrar alguns raios, prejudicando a sua visão. É importante que você tenha boa proteção, com um tamanho que se encaixe no seu rosto.

Como identificar lentes de boa qualidade

Sempre comprar óculos em ópticas de confiança. A marca UVA e UVB nas lentes, não é confiável, pois qualquer um pode escrever.

Existe um aparelho chamado fotóforo, que faz a medição da proteção de raios ultravioletas, geralmente utilizados em consultórios oftalmológicos.



FOTO ANGELO CORINI

Diego diz que óculos de sol são essenciais ao seu dia-a-dia

Meio Mundo

Revista Laboratório do Curso de Jornalismo do Cesnors/UFMS.

Julho de 2009. Ano 1, Nº 1



**A arte que
vem do lixo**

**Ida Pitton
transforma
lixo em
artesanato**